UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - MESTRADO

ALICE TAIRA

PAISAGEM, CULTURA E RELIGIOSIDADE: A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DO *FENGSHUI*

RIO CLARO – SP

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

ALICE TAIRA

PAISAGEM, CULTURA E RELIGIOSIDADE: A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DO *FENGSHUI*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro.

RIO CLARO – SP
2022

T134p

Taira, Alice

Paisagem, cultura e religiosidade: : a percepção do espaço através do fengshui. / Alice Taira. -- Rio Claro, 2022

100 p. : il., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Geografia. 2. Paisagem Cultural. 3. Fengshui. 4. Oriente. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ALICE TAIRA

PAISAGEM, CULTURA E RELIGIOSIDADE: A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DO *FENGSHUI.*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Bermadete Ap. Caprioglio de Castro
PPGG/IGCE - UNESP Rio Claro (SP)

Profa. Dra. Luciene Cristina Risso
UNESP - Campus Ourinhos (SP)

Profa. Dra. Sílvia Lopes Raimundo
Instituto das Cidades – UNIFESP (SP)

Conceito: Aprovado

Rio Claro (SP), 28 de setembro de 2022.

À minha mãe,

Que também queria tanto saber por quê.

AGRADECIMENTOS

A motivação para realizar este trabalho foi provocada pela minha necessidade em conhecer mais profundamente os hábitos ancestrais dos meus pais, por isso agradeço sinceramente a eles e em especial à minha mãe, ao reconhecer que quando surgisse uma oportunidade de compreender melhor, pesquisasse sobre o assunto. Tenho muitas saudades de vocês.

Aos meus queridos colegas do curso de graduação que acreditaram no projeto e incentivaram de forma a viabilizar a concretização da pesquisa;

Aos colegas da escola onde leciono, pelo apoio, interesse e carinho, dentre eles: ao Helder Mauch, que compartilhou comigo as emoções desde do meu ingresso à instituição acompanhando a evolução da pesquisa, à Simone Belotti que carinhosamente elaborou o desenho com esquemas do templo *Kinkaku-ji* e ao Rafael Fanni que sempre esteve ao meu lado, opinando, discutindo e incentivando.

Ao meu marido e filho pela paciência e incentivo;

Em especial ao Ole Bruun, ao Augustin Berque e ao Yi-Fu Tuan que colaboraram com esta pesquisa respondendo ao meu contato, enviando material e sugestões e fazendo me sentir muito privilegiada e emocionada pela humildade em partilhar comigo o conhecimento.

À Zeny Rosendahl, que procurei inicialmente para propor este tema para pesquisa e devido à inviabilidade do deslocamento para o Rio de Janeiro, me indicou a professora Bernadete da Unesp de Rio Claro;

Às professoras Luciene Risso e Sílvia Lopes por acreditarem, colaborarem e orientarem esta pesquisa.

E principalmente à minha orientadora Bernadete, que desde do início acolheu este projeto, indicando sabiamente os caminhos que deveria seguir para alcançar os objetivos, repercutindo no progresso gradual que a dissertação foi tomando ao longo do processo.

RESUMO

A paisagem é um conceito chave na Geografia Cultural, conceito esse que se transformou desde finais do século XIX até a significativa renovação desse campo teórico a partir dos anos 70. Tanto no que se refere à morfologia da paisagem descrita por Sauer, quanto à ideia de paisagem e formação social e seus aspectos simbólicos na visão de Denis Cosgrove, esse conceito tornou-se abrangente e dialógico, envolvendo diferentes áreas do conhecimento no contexto europeu-ocidental a partir do Renascimento. Entretanto, recorremos aqui à contribuição de Yi-Fu Tuan e aos estudos de Augustin Berque para compreender o conceito de paisagem no Oriente (China), onde a aproximação entre o homem e o meio, o mundo físico e o sensível não estão dissociados.

Nessa pesquisa, a paisagem seguirá a vertente cultural com desdobramento na abordagem oriental para melhor aproximação com o *fengshui* (vento e água), elementos de uma tradição milenar chinesa, que propõe o ordenamento do espaço, orientando para a melhor localização de construções humanas destinadas à moradia, ao trabalho e ao lazer. Concebido na China antiga, o *fengshui* possui elementos da filosofia Taoísta, da numerologia, da astrologia e faz uso dos fundamentos geomorfológicos para melhor compreensão das formas de relevo e de cursos d'água, associados às manifestações do espírito humano, sentimentos e sistema de crenças. A instalação em local apropriado permite uma vida segura, próspera e em harmonia com o meio ambiente.

Palavras-chave: Geografia; Paisagem Cultural; *Fengshui;* Oriente.

ABSTRACT

Landscape is a key concept in Cultural Geography, a concept that is transformed from the end of the 19th century until the significant renewal of this theoretical field from the 1970s onwards. Both in terms of the morphology of the landscape described by Sauer, as well as the idea of landscape and social formation and its symbolic aspects in the view of Denis Cosgrove, this concept became comprehensive and dialogic, involving different areas of knowledge in the European-western context from the Renaissance onwards. However, we resort here to the contribution of Yi-Fu Tuan and the studies of Augustin Berque to understand the concept of landscape in the East (China), where the approximation between man and the environment, the physical and the sensitive worlds are not dissociated.

In this research, the landscape will follow the cultural aspect with an oriental approach to better approach fengshui (wind and water), elements of an ancient Chinese tradition, which proposes the ordering of space, guiding to the best location of human constructions destined to the housing, work and leisure. Conceived in ancient China, fengshui has elements of Taoist philosophy, numerology, astrology and makes use of geomorphological foundations for a better understanding of landforms and waterways, associated with manifestations of the human spirit, feelings and belief system. Installation in an appropriate location allows for a safe, prosperous life in harmony with the environment.

Keywords: Geography; Cultural Landscape; Fengshui; East.

Feng Shui

Figura 1 Ideograma de *Fengshui*

Fonte: https://www.gratispng.com/png-zi081c/ Acesso em: 19/out/22

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Ideograma de Fengshui 8
Figura 2 Os cinco elementos: ciclo de criação e ciclo de destruição 33
Figura 3 Classificação das formas terrestres correspondentes aos elementos 33
Figura 4 Edifício com "buraco" em Repulse Bay - Hong Kong 42
Figura 5 Edifícios com "buracos" em Hong Kong 42
Figura 6 Contemplação da paisagem 47
Figura 7 Localização ideal do fengshui (figura adaptada) 48
Figura 8 PA-K'UA DO CÉU ANTERIOR E PA-K'UA DO CÉU POSTERIOR 51
Figura 9 Yin e Yang (Símbolo) 55
Figura 10 Templo Montes Wudang – China 56
Figura 11 Qi circulando dentro da Terra 57
Figura 12 Paisagem Oriental 67
Figura 13 Desenho da paisagem do Templo Dourado (Kinkaku-ji) com os elementos do fengshui: riacho à esquerda, caminho à direita, lago em frente e colina atrás. 87
Figura 14 Foto do Templo Dourado - Kinkaku-ji 88
Figura 15 Foto: caminho das cerejeiras - Kinkaku-ji 88
Figura 16 Foto: Altar para reverência e queima de incensos. Nichos para armazenar as cinzas. 89
Figura 17 Foto: Deidade Budista - Kinkaku-ji 89
Figura 18 Foto: Portal de Entrada do Kinkaku-ji 90
Figura 19 Foto: Templo Dourado Kinkaku-ji 90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....12
2 CAPÍTULO 1: A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DA GEOGRAFIA COM A FILOSOFIA, A ANTROPOLOGIA E A ARQUITETURA......15
2.1 Filosofia: Fenomenologia e Percepção.....16
2.2 Antropologia.....24
2.3 Arquitetura.....28
3 CAPÍTULO 2: ***FENGSHUI* E A GEOGRAFIA CULTURAL (PAISAGEM)**.....45
3.1 *Fengshui*.....46
3.2 Adivinhação.....50
3.3 Taoísmo e *qi*.....54
3.3.1 Taoísmo.....54
3.3.2 *Qi*.....57
3.4 Histórico do *fengshui.*.....58
3.5 Abordagem ocidental do *fengshui*.....59
3.6 Geografia Cultural e a Paisagem.....60
4 CAPÍTULO 3: A VISÃO DA PAISAGEM ATRAVÉS DO *FENGSHUI*.....66
4.1 Augustin Berque – o *fengshui* e a Geografia.....68
4.2 Augustin Berque – a paisagem e o *fengshui*.....74
4.3 Yi-Fu Tuan: a paisagem e o *fengshui*.....79
4.4 Observando a paisagem: uma pesquisa exploratória sobre o *fengshui*.....85
4.4.1 Kinkaku-ji.....85
4.4.2 Resultados da pesquisa exploratória.....86
4.4.3 Fotos do local.....88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91
REFERÊNCIAS.....96

APRESENTAÇÃO

Desde a infância notei a minha mãe utilizar calendários específicos para definir datas comemorativas, para negócios ou trabalho. As edificações que deveriam ser evitadas para habitação, os números propícios de placas de carros, a posição mais favorável de camas nos quartos e assim por diante. Na adolescência, já conseguia perceber que todos esses atos eram frutos da tradição oriental e ficava intrigada pois não conseguia explicar aos colegas “ocidentais’’ sobre o significado disso, quando eles me perguntavam. Foi na fase adulta, que descobri que tudo que minha mãe fazia era *fengshui* e o mais curioso é que ela mesma não sabia explicar como havia incorporado esses conhecimentos. Por obra do destino, conheci o *fengshui* e quando comentei à minha mãe, ela ficou muito surpresa e fascinada somente pela descrição superficial do assunto e percebi que em sua prática havia uma essência geográfica importante. Essa questão se tornou, para mim, um problema de pesquisa a partir do momento em que notei a evidente preocupação com a localização, tanto das moradias como dos móveis no interior dos lares, sempre respeitando os pontos cardeais.

Na elaboração desta pesquisa ousei entrar em contato com Yi-Fu Tuan, Ole Bruun e Augustin Berque e fiquei muito encantada quando obtive as respostas nos contatos com os respeitáveis autores que utilizei como referência. A colaboração de cada autor, além de ampliar meus conhecimentos, foi determinante e estimulante no processo de construção e redação. Foi uma experiência incrível!

O esforço desta pesquisa foi no sentido de trazer alguma contribuição para a Geografia Cultural nos estudos sobre o oriente e ampliar as investigações sobre temas que envolvam suas culturas na interferência da composição das paisagens.

1 INTRODUÇÃO

O *fengshui* é uma das tradições mítico-religiosa que busca ordenar no espaço imóveis para habitação; atividade laboral de produção, comércio, serviços; obras de engenharia como estradas, pontes, viadutos e de lugares sagrados como igrejas, templos e cemitérios.

É utilizada também para localização dos móveis no interior das casas e por isso foi utilizado como guia de decoração no ocidente. Sua prática requer conhecimentos sobre astrologia chinesa, numerologia, geografia e aprendizado sobre a sabedoria tradicional chinesa para reconhecer a energia do local.

O objetivo desta pesquisa é apresentar o *fengshui* como modo de pensar a organização do espaço, e comprovar a sua aproximação com a Geografia, por conseguinte, utilizando o conceito de paisagem na Geografia Cultural e em particular, sob o ponto de vista oriental, explorado pelo geógrafo Augustin Berque. Segundo Eva Wong (1998), especialista e praticante do *fengshui*, esse conhecimento, dentre outros como a medicina oriental (acupuntura), meditação, artes marciais e astrologia chinesa, têm fundamento na filosofia oriental Taoísta, a qual entende que o universo é composto por elementos binários opostos: *yin* / *yang* e desse modo deve atingir o equilíbrio para manter a harmonia. O *fengshui* analisa a energia que percorre todo o universo, conhecido entre os chineses como *qi*. Eles acreditam que essas linhas de energia estão presentes na atmosfera, na biosfera, na hidrosfera e na litosfera. As formas geomorfológicas possuem um significado peculiar no *fengshui.* Cada configuração de relevo traz uma forma de energia e simbologia que são os elementos trabalhados nessa concepção sobre o homem e o meio.

A superfície da crosta continental não é plana e nem uniforme em toda a sua extensão (FLORENZANO, 2008). Caracteriza-se por elevações e depressões de diferentes formas e composições, sendo resultante da dinâmica externa do planeta como a ação da água, dos ventos, da temperatura e dos organismos vivos sobre as rochas e da dinâmica interna relacionada aos movimentos tectônicos. Relaciona a geomorfologia no espaço e no tempo. (SANTOS, 2008).

> O relevo da superfície terrestre é o resultado da interação da litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera, ou seja, dos processos de troca de energia e matéria que se desenvolvem nessa interface, no tempo e no espaço. No espaço, o relevo varia da escala planetária (continentes e oceanos) à continental (cadeias de montanhas, planaltos, depressões e grandes planícies) e à local (escarpas, morros, colinas, terraços, pequenas planícies etc.). No tempo, sua formação varia da escala geológica àquela do homem (FLORENZANO, 2008, p. 11).

O conhecimento da geomorfologia torna-se imprescindível para a compreensão do *fengshui* que vai unir o físico ao simbólico. O meio ambiente assume com isso uma qualidade metafórica: as montanhas podem ser tigres ou tartarugas; os rios podem ser dragões ou serpentes, conforme haja semelhança da forma geomorfológica com esses animais e outros não citados. (ROSSBACH,1998). Enfim, cada forma geológica, como colina, morro, escarpa, tabuleiro, rios, cachoeiras, etc. apresenta uma intensidade de energia e um valor simbólico.

A pesquisa demanda conhecimentos do ramo da filosofia e da antropologia, pois os pensamentos de alguns autores destas disciplinas foram utilizados para melhor compreensão do desenvolvimento do texto e uso de conceitos. Com esse propósito foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando artigos científicos, livros, revistas digitais e internet como importante instrumento de busca e informação.

A dissertação está dividida em três capítulos da seguinte forma: No primeiro capítulo: A abordagem interdisciplinar com: a Filosofia, a Antropologia e a Arquitetura serão apresentadas as três áreas do conhecimento. A filosofia é importante para embasar a linha de raciocínio utilizada pelos geógrafos estudados, cuja importante metodologia filosófica a ser considerada é a fenomenologia. A fenomenologia vai servir de fundamento para a construção de uma nova tendência para a Geografia Humanista e Cultural.

A antropologia vai desvendar o conteúdo simbólico, cosmológico e religioso do *fengshui,* contribuindo de forma significativa na contextualização da prática, a Geografia Cultural vai ajudar a entender a espacialidade desses símbolos e a

arquitetura, é o segmento que apresentou artigos sobre o tema, despertando interesse sobre suas abordagens e ponto de vista.

No segundo capítulo: *Fengshui* e Geografia Cultural (Paisagem) será apresentada a definição, a origem e fundamentos do *fengshui* e suas principais aplicações. A sua resiliência no curso da história, apesar de ser proibida em duas grandes ocasiões, durante a dinastia Qing que unificou a China e no período da Revolução Cultural do Partido Comunista, sobreviveu de forma oculta e ressurgiu quando o momento político permitiu maior liberdade de expressão de ideias e práticas.

No tema da Geografia Cultural (Paisagem) discorreremos sobre o percurso da categoria paisagem na Geografia Cultural discutindo as transformações que ocorreram nesta disciplina. Demonstrar a importância dessa transformação no âmbito epistemológico, o que permitiu a realização desta pesquisa em diálogo interdisciplinar com a Antropologia.

Por fim, no terceiro capítulo: Geógrafos e *fengshui*, foram selecionados geógrafos que mencionaram o *fengshui* de forma direta ou indiretamente, comprovando a sua vinculação com a Geografia. A ênfase especial será dedicada ao Yi-Fu Tuan e a Augustin Berque por apresentarem trabalhos relacionados à temática tratada na pesquisa.

2 CAPÍTULO 1: A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DA GEOGRAFIA COM: A FILOSOFIA, A ANTROPOLOGIA E A ARQUITETURA.

O Mestre disse: “Não saber e improvisar, talvez eu não seja assim. Ouvir muito, escolher o que é bom, para depois agir conforme; observar muito e guardar na memória: isso fica atrás apenas de saber”.

(Confúcio - Analectos 7.27)

CAPÍTULO 1- A abordagem interdisciplinar da Geografia com: a Filosofia, a Antropologia e a Arquitetura

A compreensão do pensamento de alguns filósofos facilitará o entendimento de autores importantes para esta pesquisa, pois estes se baseiam nesses pensadores para desenvolverem suas teorias.

2.1 Filosofia: Fenomenologia e Percepção.

A compreensão dos autores tratados nesta pesquisa, requer o conhecimento prévio da estruturação filosófica adotada para o desenvolvimento de suas teorias. Desta forma, a fluência, a percepção e a essência de seus pensamentos ficam claros e evidentes.

Descrevemos, de modo superficial, as ideias dos principais filósofos iniciando por Edmund Husserl (1859~1938), que no início do século XX, questiona e se contrapõe com a ciência racionalista. Ele acreditava que muitos conteúdos deixavam de ser estudados nas ciências empírico formais que utilizam a matemática e a lógica como ferramentas principais. Para elucidar os fundamentos do conhecimento sobre muitas questões das ciências biológicas e principalmente das ciências humanas, acredita na realidade transcendental do sujeito que pode ressignificar o mundo ao seu redor (SAMPAIO, 2001).

Husserl construiu a fenomenologia como crítica às ciências naturais que existiam em sua época, por insistir em negar a subjetividade para estudar os fatos naturais como realidade única. É na consciência que ocorre a diferença entre ela mesma e o que ela visa, surgindo dois extremos relacionados: a noese – o pensamento e a noema – o objeto visado. A fenomenologia parte da premissa de que os objetos e os acontecimentos são percebidos na consciência humana e não existe independente dela. A consciência também é capaz de dar significado às coisas e possuir uma intencionalidade (SAMPAIO, 2001).

Perceber um objeto é então visualizar, além dos elementos que são oferecidos por sua materialidade, uma realidade objetiva. Segundo Zilles (1994, p.130-131), a fenomenologia é “...análise descritiva das vivências da consciência depuradas de seus elementos empíricos para descobrir e apreender as essências diretamente na intuição". O objeto é apresentado à consciência que vai evocar a intencionalidade para alimentar uma relação desta com o objeto. A consciência sempre vai se referir ao objeto e este pode ser visado de maneira diferente. (apud SAMPAIO, 2001, p. 20).

A fenomenologia será a base da fundamentação dos autores que foram da Geografia Humanista, como Dardel (2011), Tuan (2012), Relph (1979) e para os autores da Nova Geografia Cultural como Cosgrove (2004) e Berque (2013), desenvolverem suas pesquisas embasadas nesta nova epistemologia, ou seja, valorizando os significados e a subjetividade. Seguindo o estudo sobre os filósofos, citamos Martin Heidegger que foi assistente de Husserl na Universidade de Freiburg em 1920 e influenciou o pensamento de alguns geógrafos.

Heidegger (1889~1976) foi o pensador da ontologia, o estudo do ‘ser’. Sua preocupação fundamental era com a “questão do ser”. Ele entendia que o homem moderno estava distanciado do seu ‘ser’ primitivo e que seu objetivo era repensar o ‘ser’ em sua perspectiva adequada (HARWOOD, 2013).

Ressalta a distinção radical entre o ‘ser’ e o ‘ente’, anunciando ao mesmo tempo o declínio da metafísica ocidental que a esqueceu. De acordo com Heidegger, assumir o ‘ser’ requer repensar nas origens e suportar as responsabilidades ao se colocar no mundo:

> ...o homem autêntico é aquele que, fugindo do anonimato de “se”, aceita o risco de tentar pensar sua própria situação em relação ao ser, ao mundo e aos outros, ou seja, de se perguntar de novo o que é esse mundo que nos parece estar aí desde sempre, e tirar as consequências disso. (DUROZOI, 1996, p.224).

Heidegger considerou a morte que é um fato inevitável, mas que causa medo humano. O ‘ser’ é consciente de seu próprio destino e do fato que é mortal, é capaz de fazer algo do nada e está aberto às possibilidades futuras (HARWOOD, 2013).

Heidegger influenciou muitos autores da Geografia que passaram a considerar a ontologia, o estudo do ser. Através deste quesito, os estudos acerca do ambiente,

paisagem, território, apesar da complexidade, passaram a ter maior abrangência e se tornaram mais completos.

Outro importante filósofo a ser considerado é Maurice Merleau Ponty conhecido como o filósofo do vivido, descreve a relação intencional que une o sujeito – encarnado e em situação histórica - aos objetos e ao outro (DUROZOI, 1996).

Utilizando a base do pensamento fenomenológico, procurou provar que as abordagens tradicionais da filosofia: o empirismo e o racionalismo, apresentam falhas. Ressaltou que a percepção fenomenológica pode fornecer um meio de sondar e analisar a natureza da existência humana e afirmou:

> A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6, apud GONÇALVES, 2008, p. 413).

Merleau Ponty acredita que o corpo não é simplesmente um organismo manipulado pelo cérebro e nem a consciência como algo que ocorre na mente. Em vez disso, as experiências são sentidas e vividas no corpo e através dele. O corpo é formado com a mesma matéria do mundo, por apresentar a mesma matéria do mundo é que podemos conhecer e compreender o mundo. Esse é um importante 'elo' que une o sujeito e o objeto (HARWOOD, 2013).

Na crítica ao racionalismo, insiste na importância da experiência sentida pelo corpo e na percepção sensorial que agrega na construção do conhecimento: "É pelo corpo que sabemos o que acontece ao redor. São as posturas corporais que oferecem a cada momento uma noção de nossas relações com as coisas e outros corpos". (GONÇALVES, 2008, p. 412).

A percepção humana nos permite desenvolver uma compreensão do mundo e o envolvimento com ele, a sensibilidade passa a ser considerada e deixa de ser um elemento obscuro e sem importância. (GONÇALVES, 2008).

A partir da ênfase dada à percepção, seus trabalhos serão lembrados por muitos autores geógrafos que valorizarão a percepção procurando entender desde o processo fisiológico que ocorre nos órgãos sensoriais, até a construção do conhecimento no âmbito neurológico. Lívia de Oliveira[1] (2017), explorou este segmento, estudando a Percepção de Piaget na qual a percepção e a cognição

[1] Lívia de Oliveira foi professora emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)- campus de Rio Claro.

ocorre por etapas, conforme o desenvolvimento anatômico e fisiológico do ser humano, agregando também a parte formativa, que são as informações culturais do grupo de convívio. Piaget explica a formação do conhecimento através da Epistemologia Genética[2] (OLIVEIRA, 2017).

A insistência na percepção é essencial para que a partir desse evento surjam novos olhares, novas intuições, novas possibilidades, das situações ou dos objetos ou das paisagens que sempre estiveram presentes. Yi-Fu Tuan, em seu livro *Topofilia* (2012), dedica algumas páginas para explicar a importância de cada órgão sensorial, sua função e peculiaridade para formar a consciência, a memória e os sentimentos.

A experiência, o vivido, influenciarão Dardel (2011) que procura modificar a consciência da relação do homem com a terra, Collot (1990) que reconhece a percepção para significar a paisagem, Relph (1979) exalta que experiência humana social e cultural é um contraste harmonioso ao mundo natural, utilizando a fenomenologia, Tuan (2012) em seus textos e seus pensamentos expressam o humanismo por excelência.

As ideias de Gaston Bachelard, são consideradas nesta pesquisa para validar a ruptura epistemológica entre a Geografia Cultural e a Nova Geografia Cultural. Filósofo e epistemologista francês, renovou a epistemologia, definindo as características de um novo espírito científico. O ideal de complexidade da ciência contemporânea exige que ‘o realismo e o racionalismo troquem seus conselhos infinitamente’, daí a expressão de racionalismo aplicado para designar esse enriquecimento constante da razão em contato com a experiência. (DUROZOI, 1996).

Bachelard valorizava a experiência e que esta, deveria compor a filosofia da ciência para melhor aproximação com a realidade. Acreditava em uma nova razão, dotada de surrealismo que impregnava o meio artístico e que quando houvesse essa união, a sensibilidade e a razão teriam juntas encontrado a sua fluidez e o mundo físico então, seria experimentado e sentido de modo diferente (BACHELARD, 1978).

[2] Epistemologia Genética proposta por Piaget considera o modo pelo qual o conhecimento é constituído, em virtude do desenvolvimento das estruturas mentais para a gênese da cognição (DUROZOI,1996).

Em 1940, desenvolve a obra *A filosofia do não*, na qual propõe a ruptura entre as teorias de forma a permitir a evolução do saber. Acredita que o avanço só poderia ocorrer se houver a ruptura com qualquer forma de dogmatismo ou qualquer concepção congelada da razão. Essa ruptura não invalidaria o conhecimento anterior, o novo conteúdo seguiria uma nova linha de pensamento ou diferente da anterior (DUROZOI, 1996).

Outro aspecto importante considerado por Bachelard é a imaginação humana que classifica qualquer imaginação material aos quatro elementos: fogo, ar, terra e água, materializando a imaginação para fortalecer o discurso. Bachelard descreve esta relação de forma poética despertando emoções nestas reflexões. Utilizada na filosofia antiga com frequência, associavam a seus princípios formais, um desses quatro elementos. Para Bachelard, a imaginação faz transcender o espaço geométrico, a fenomenologia auxilia na compreensão dos diversos dilemas do espaço habitado (BACHELARD, 1997).

A explanação de Bachelard sobre a relação da imaginação aos quatro elementos é fundamental para compreender a cosmogonia do *fengshui* que também faz a mesma relação, porém um pouco modificado, em vez de quatro, o *fengshui* considera cinco elementos: fogo, terra, água, madeira e metal e num ciclo criativo: a água alimenta a madeira, que alimenta o fogo, que nutre a terra com as cinzas e a terra produz o metal e num ciclo destrutivo: a água apaga o fogo, que derrete o metal, que corta a madeira, que exaure a terra e que obstrui a água, esses elementos estão associados aos quatro pontos cardeais: Norte-Água, Sul-Fogo, Leste-Madeira e Oeste-Metal, sendo o quinto elemento (Terra) localizado no Centro da bússola. (WONG, 1998).

Li Zehou é um importante filósofo e historiador chinês que atualmente reside nos Estados Unidos. Li apresenta uma teoria do sistema confucionista de relações de parentesco, uma base importante da ordem social tradicional chinesa. No sistema confucionista as relações interpessoais na base familiar, é considerada fundamental para Li, que denomina de ‘Relacionalismo’. Esse modelo tem origem na ritualidade xamanística realizada pelos seres humanos neolíticos que ocupavam o atual território chinês. As cerimônias xamanísticas cresceram e se fortaleceram na consciência desses povos e os primeiros rituais, que incluem música e dança, tiveram um poderoso efeito sobre o sentimento de respeito, amor e lealdade nas

relações interpessoais formando um pilar ético significativo da base social. (LI, 2015, p.6, apud ROSKER, 2021, p.109).

Esses rituais realizados de forma coletiva, valorizam o grupo em detrimento do indivíduo, com envolvimento emocional e psicológico a comunidade fornece elementos para a formação do indivíduo pertencente. A identidade social e individual é um reflexo da interdependência social, reafirmando o relacionalismo que servirá de base para a filosofia do ser. A compreensão da formação social, auxiliará na efetivação do *fengshui.*

Tetsurô Watsuji (2016) foi um pensador japonês que influenciou o geógrafo Augustin Berque que será abordado neste trabalho. Apesar da obviedade em se tratar de um filósofo oriental, suas ideias não tratam do *fengshui* de forma direta, contudo, exprime a forma do pensamento oriental, de raiz budista, facilitando o entendimento do tema. Vai expressar a essência do relacionalismo que na língua japonesa a versão mais aproximada é ‘aidagara’.

Estudou a filosofia oriental e ocidental e desempenhou um papel fundamental para despertar interesse na antiga arte budista entre os intelectuais japoneses, no período em que o Japão se encontrava em pleno processo de ocidentalização. (HOBSBAWN, 2014). O processo de globalização desperta dois sentimentos antagônicos segundo Stuart Hall, um sentimento de acolhimento incondicional do estrangeiro e concomitantemente, um sentimento de nacionalismo exacerbado para preservar a identidade. (HALL, 2020). Com a chegada dos americanos os japoneses ficaram fascinados com o racionalismo, a tecnologia e o consumismo e desejando o mesmo estilo de vida, os japoneses renegaram todo passado cultural para aderir à ocidentalização. Entretanto, alguns pensadores, entre eles Watsuji, através de suas pesquisas, lançando um olhar renovado para a arte budista e sua filosofia, vão engendrar a revalorização da cultura tradicional japonesa.

Com o conhecimento adquirido da filosofia asiática, sentiu-se incomodado com a ênfase sobre o individualismo de Martin Heidegger e de outros filósofos europeus e em reação, propõe o conceito de ‘*aidagara’*, a visão da existência humana em relação às influências sociais, culturais e da natureza.

Watsuji (2016) entende que a relação do ser humano e seu ambiente é pré-requisito para elaboração de conceitos acerca da ontologia, portanto o ‘*aidagara*’

seria a expressão primitiva para compreender o sentido relacional da existência humana. A formulação do *'aidagara'* por Watsuji foi consequência da sua contraposição às afirmações do individualismo de Heidegger que negligenciava a importância dos fatores sociais e geográficos que podem afetar o indivíduo. Este relacionalismo está presente em todas as esferas, entre: homem e homem, homem e família, homem e sociedade, e homem e natureza.

Insatisfeito pelas leituras realizadas das obras traduzidas de Watsuji, Berque busca os originais e conclui que os textos possuem forte aptidão geográfica e utiliza alguns conceitos para construir nova epistemologia que supera o dualismo ou o paradigma ocidental entre o homem e a natureza. (DAL GALLO, 2014).

Priscila M. Dal Gallo realizou um importante trabalho a respeito da filosofia de Watsuji Tetsurô que estabeleceu conexão entre o pensamento do ocidente e do oriente no Japão. Watsuji estudou as obras de Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger. Esteve na Alemanha entre 1927-1928 e conheceu Heidegger pessoalmente. Foi professor na Universidade de Kyoto onde realizou estudos sobre o zen budismo (DAL GALLO, 2014).

Foi influenciado pelo literato Natsume Soseki que preconizava a ideia de eliminar o individualismo (*sokuten kyoshi*), desenvolvendo a concepção de relacionalidade (*aidagara*). Neste caminho de eliminar o egocentrismo, utiliza outro termo para homem - *ningen* para expressar o ser verdadeiramente humano (DAL GALLO, 2014).

No sentido de buscar a essência deste pensamento, foi explicado cada termo em seu aspecto etimológico decifrando cada caractere que compõe a palavra. *Ningen* é composto pelos ideogramas *nin* de "pessoas" e *gen* que significa "entre" expressando que "o homem é em meio aos homens e no mundo" (DAL GALLO, 2014, p.36). Para Watsuji, este termo encerra a ideia de duplo sentido em que a individualidade e o social são fundamentais, apesar de possuir um caráter paradoxal por evocar no indivíduo um isolamento para resguardar a sua identidade e ao mesmo tempo, buscar a sociedade para se sentir completo (DAL GALLO, 2014).

Para complementar a noção de *ningen,* Watsuji utiliza o termo *sonzai,* ou seja, existência. Esta palavra é composta por dois ideogramas: *son* que significa subsistir e *zai,* indica estar em algum lugar. Compondo com a palavra *ningen*, a expressão resultante seria *ningen sonzai*, ou seja, existência humana. Esta expressão possui

um sentido profundo de que a existência se realiza em determinado tempo e em certo lugar e neste lugar o homem sofre as transformações climáticas e as adversidades do ambiente (DAL GALLO, 2014).

O termo *aidagara* valoriza o sentido da expressão *ningen sonzai,* pois representa “estar entre” ou a relacionalidade entre homens e entre sua espacialidade. É revestido de uma percepção filosófica complexa na qual representa a relação entre união, separação e conexão (WATSUJI, 2016).

Em sua obra *Fudo* publicada em 1935, Watsuji propõe uma alternativa ontológica de compreender o ser humano. Composta pelos ideogramas *fu*, que significa vento (风) e *do* que significa terra (土), o *fudo* (风土) designa o conjunto dos aspectos físicos e sociais de uma determinada região, traduzido por Berque para **meio** (MARIA, 2010).

Com propósito de contestar o pensamento sobre a existência humana de Martin Heidegger, Watsuji procura explicar que o homem existe em relação ao ambiente natural e ao ambiente social num fundo fenomenológico, uma vez que Heidegger não considera a análise espacial e impossibilita a discussão sobre o caráter social (DAL GALLO, 2014).

Estudando sobre alguns climas como as Monções, Desertos e “Meadow” e somando com suas experiências em viagens por diferentes lugares, observa as características desses climas e a população de cada local com sua respectiva cultura e as subjetividades humanas para adaptação ao ambiente. Sem possuir intenção, Watsuji realizou um estudo com forte aspecto geográfico, uma vez que traz uma concretude da relação entre o homem e o mundo e das experiências individuais e coletivas que o clima pode proporcionar (DAL GALLO, 2014).

Berque utilizou esta obra de Watsuji para desdobrar seus pensamentos e criar uma ontologia da relação entre o homem e natureza, traduzindo o termo *fudo* para *milieu* (meio), *fudosei* para *mèdiance* (realidade física-objetiva e fenomenal-subjetiva) e *fudogaku* para *mésologie* (estudo do *fudo*), com isso faz um esforço para trazer novas perspectivas no sentido de suplantar o dualismo moderno (DAL GALLO, 2014).

Watsuji não considerava a natureza e a natureza humana como formas duais, e sim, como entes que se inter-relacionam. Berque (2017), sugere o termo trajeção para expressar a relação intercambiável entre sujeito e objeto, cultura e natureza.

2.2 Antropologia

O *fengshui* tem chamado atenção de estudiosos ocidentais, leigos e estudiosos por mais de um século, inicialmente em Sinologia e depois em diversas outras disciplinas como a Antropologia, Geografia, Arquitetura e Ecologia.

Ole Bruun[3] (2011) aborda o *fengshui* como forma de conhecimento e no seu livro '*Fengshui in China'* descreve o fenômeno procurando entender a sua relação social e o contexto sob o ponto de vista antropológico.

A falta de estudos profundos em parte é explicada pela inacessibilidade dos dados pelos longos períodos da história moderna da China, que com a interferência política pós-revolucionária, proibiu a prática e o acesso aos rituais religiosos. Muitos esforços em definir o conceito para os ocidentais têm sido feitos, as tentativas de explicar seguem vários caminhos como: psicologia primitiva, pseudociências, conceito de meio ambiente, técnicas práticas para utilização de água e vento, mágica primitiva, folclore, religião ou simplesmente superstição.

Bruun (2011) acredita que o *fengshui* é uma tradição acumulada e não apenas um dogma passado adiante pelos antigos. Ainda é válido na sociedade contemporânea.

Segundo Bruun, alguns estudiosos da antropologia mostraram interesse na geomância chinesa. Émile Durkheim e Marcel Mauss descobriram que o princípio da base cosmológica incorporada no *fengshui* chinês poderia ser usado para comprovar o desenvolvimento das ciências sociais. Eles constataram que a classificação

[3] Ole Bruun é professor do Departamento de Ciências Sociais e Empresariais, Sociologia Política Global da Universidade de Roskild na Dinamarca. Autor do livro 'FENGSHUI IN CHINA' (2011).

simbólica chinesa de espaço e de inúmeras correlações, expressado pela bússola geomântica, foram essencialmente instrumentos de adivinhação dos mestres (a adivinhação sempre foi um elemento de fascínio das pessoas) e formaram um conhecimento unificado. Assim Durkhein e Mauss propõem uma classificação religiosa (BRUUN, 2011).

No *fengshui* há uma construção nova no entendimento da classificação cosmológica da natureza: o sistema busca analogia social, semelhanças e metáforas. O trabalho de Claude Lévi-Strauss (2008), antropólogo estruturalista, mostra que a classificação social e da natureza ocorreu simultaneamente. Ele rompeu com a linha racionalista do início do século XX, que invalidou a mitologia cujo conteúdo aparentemente não trazia nenhuma contribuição para a ciência. Lévi-Strauss vai fazer um estudo de povos não ocidentais e encontrou conhecimentos que combinam razão e sentido, ou seja, ciência e mito. Concluiu que a mitologia é uma forma de contar uma realidade, muitas vezes difícil, na sua compreensão ou aceitação. A revalorização dos mitos e símbolos, perseguindo novos conteúdos que podem ser acrescidos à ciência ocidental, foi um importante legado de Lévi-Strauss. (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Max Weber possuía um apurado interesse pela cosmologia chinesa sob um ângulo completamente diferente (*The religion of China: Confucianism and Taoism*, 1951). Por ter concluído sobre o ‘desencantamento do mundo’ após seus trabalhos com a ética protestante e o capitalismo, em que o sujeito moderno se despe de costumes e crenças das tradições herdadas ou aprendidas que se apoiam nos pilares fixos da religião ou da ‘magia’, crescia a intenção de conhecer outro sistema de crença (SILVA, 2016).

Sua comparação do esquema de Confúcio com o racionalismo Protestante focou em dois parâmetros primários, religião divergente de mágica e que a relação entre Deus e o mundo é sistematicamente único. Enquanto o protestantismo ascético representou a “última fase”, onde as formas de magias foram eliminadas e o racionalismo ético definiu a conduta de acordo com os comandos de Deus, o Confucionismo foi caracterizado pela preservação da “doutrina heterodoxa da magia” na sua concepção primária representada pelo Taoísmo. Dentro desta discussão Weber relata a feliz coincidência entre o Confucionismo e as várias formas de magias

e superstições na totalidade, realizando-se sem maiores interferências (SILVA, 2016).

Nesse processo ‘mágico’ auxiliado pelos geomantes, entre outros especialistas o desenvolvimento da economia racional e da tecnologia estão fora de questão. O Confucionismo acolhe e abençoa a riqueza econômica, focando nas ações mágicas da religião popular, mesmo com a falta de racionalismo e disciplinas técnicas. Weber afirma que em “nenhuma civilização a prosperidade material foi tão exaltada” (BRUUN, 2011, p.11). Desse modo, Weber expõe o exotismo e a história do estudo desta 'religião'.

Os estudos antropológicos se basearam no período pré-comunista. No período comunista as pesquisas foram suspensas. Outro ponto importante é que dentro do próprio país os professores chineses tinham preconceitos sobre o tema, pois tinham a responsabilidade de formar uma civilização esclarecida, livre de superstições ou mágicas. A falta de atenção dos sociólogos e antropólogos chineses, resultou na negligência do *fengshui.*

Muitos autores tentaram explicar a recusa dos estudos sobre o *fengshui* definido como a religião das massas, que é difícil e trabalhosa em matéria de estudos e a base literária é bem escassa. Os antropólogos chineses tinham pouco a oferecer sobre o estudo do *fengshui,* mesmo sendo um importante tema da cosmologia chinesa. Maurice Freedman, antropólogo inglês, produziu alguns estudos sobre a cosmologia chinesa. Segundo Freedman, o sistema religioso chinês possui o mundo das ideias e outro da prática e organização, no qual a elite e o camponês possuem a mesma base com versões religiosas próprias de cada um. De acordo com essas premissas, o *fengshui* padroniza o sistema metafísico e a forma de adivinhação, elementos essenciais na religião chinesa (BRUUN, 2011).

Em seus estudos, ele analisa a conexão entre a geomancia das sepulturas e o culto ancestral. Questiona o culto em si e, por outro lado, o benefício egoísta aos descendentes. Outro apontamento importante de Freedman recai sobre o sistema amoral de conquistar fortunas, concedendo ao Budismo os valores e a retidão moral. (BRUUN, 2011).

Outro enfoque interessante é sobre a abordagem ecológica do *fengshui* focando nos terrenos e casas. No *fengshui* rural, ele desvendou fragmentos de significados e práticas e despertou novos caminhos a serem perseguidos pelos antropólogos chineses.

Semelhante trabalho realizado por Jack Potter, antropólogo americano nos anos 70, foi sobre um ensaio da vida religiosa dos camponeses cantoneses. A base desta cosmologia está na crença de que o Universo contém uma essência impessoal e um poder sobrenatural. Essas premissas aliviavam a inveja e o ciúme sobre o sucesso de alguns, uma vez que esse sucesso era resultado de magia e de forma impessoal. A peculiaridade do trabalho de Potter foi a noção da religião camponesa ter não somente um modelo, mas vários, permitindo a troca de um modelo por outro pelos camponeses. (BRUUN, 2001).

Stephan Feuchtwang fez uma meticulosa tradução do simbolismo dos discos (anéis) da bússola de *fengshui* e formulou seu pensamento ao longo de quatro linhas: primeiro - uma interpretação estruturalista de suas classificações naturais como paralelos com as classificações sociais; segundo – uma interpretação psicológica de suas projeções da imaginação, incluindo símbolos; terceiro – uma análise das possíveis funções do *fengshui* como adivinhação; e quarto – uma interpretação da percepção da realidade contidos no sistema. O autor coloca uma questão sobre se o mundo sobrenatural nas crenças do *fengshui* é um reflexo desta sociedade. A sua contribuição foi significativa para o entendimento desta tradição. (BRUUN, 2001).

Após considerar estes importantes autores, Bruun (2011) descreve o *fengshui* como meio para percepção ou idealização da realidade, mas também um meio de enfrentar esta realidade e forma de abordar o mundo. Opera como um modelo cosmológico, direcionado à realidade para servir um interesse específico. A exposição ou aplicação gradativamente, primeiro no ambiente físico e depois na fortuna social, assim, o mesmo modelo é usado para explicar os dois campos, o natural e o social.

O aspecto metafísico do *fengshui* funciona como uma saída ao praticante que não precisa dar explicações lógicas aos rituais ou símbolos que muitas vezes não

fazem sentido, mas faz parte do conjunto de crenças dos chineses. É percebido como um modelo teórico analógico, o que permite um amplo escopo de interpretações. Por ser analógico, um importante instrumento é a metáfora, que é usada para interpretação da sorte das pessoas. (BRUUN, 2001).

Neste contexto Ole Bruun (2011), elucida o interesse de importantes especialistas ocidentais na área da antropologia, principalmente no período inicial do século XX, sobre o tema do *fengshui*, procurando desvendar a essência da cultura asiática.

Uma observação interessante entre os autores da filosofia e antropologia citados nesta pesquisa é a necessidade de mudanças de paradigmas, rompimentos com modelos anteriores para desenvolver novos conhecimentos. Inicialmente notamos que não é uma situação confortável, uma vez que confrontar um modelo anterior levanta discussões que devem ser consideradas para falir ou validar novas teorias. Mas muitas vezes, os fatos demonstram que novos caminhos foram conquistados, permitindo o avanço dos saberes, nesses casos os desgastes foram necessários e não foram em vão.

São destacados dois autores que enfrentaram esse desafio, o filósofo Husserl que considerou o aspecto subjetivo dos objetos de estudo, elaborando a fenomenologia; e Lévi-Strauss, que revalorizou a mitologia, contrariando a ciência racionalista. Foram dois enfoques que fizeram avançar muitas linhas de pesquisa, contemplando também o presente. O pensamento de Bachelard (1978) vem ratificar esses eventos que ocorrem na ciência.

2.3 Arquitetura

No início da pesquisa, foram examinados artigos relacionados ao tema e encontrados somente na área da arquitetura. Realizadas as leituras, foi notada a preocupação dos arquitetos em harmonizar a habitação com o ambiente do entorno. Apesar de representar um pequeno segmento da arquitetura, a consideração pelo

fengshui demonstra um conhecimento pela cultura oriental que aos poucos se faz cada vez mais presente.

A conquista dos territórios pela cultura, é conhecido como *"soft power"*, termo apropriado por Joseph Nye, cientista político que desenvolveu teorias pela disciplina das Relações Internacionais (NYE JR., 2005). Há um interesse neste setor pelo governo chinês que faz investimentos para produzir novos recursos e divulgar a cultura dentro e fora do país com o objetivo de melhorar ou mesmo modificar sua imagem perante a comunidade internacional.

No caso do *fengshui*, a abordagem é um pouco diferente, pois a divulgação não é intencional e de certa forma provoca até um desconforto na necessidade em explicar uma prática ligada a um sistema de crenças e, por respeito à tradição ritual, não é um instrumento de marketing, mas a insistência no uso pelos ocidentais pode estimular a curiosidade da cultura chinesa.

Na arquitetura será relatado e comentado alguns artigos que utilizam o *fengshui* e desvendar como esta técnica pode interferir na execução dos projetos. Inicialmente será comentado um pequeno livro do arquiteto Jaime Lerner (2005) "Acupuntura Urbana" como o próprio nome sugere, faz menção ao tema aqui tratado.

No livro, Jaime Lerner[4] (*Acupuntura Urbana*, 2005), descreve vários exemplos de interferências que podem resultar em cenários positivos. Muitas vezes, pequenas atitudes que transformam de maneira significante o ambiente provocando reação em cadeia de boas atitudes.

O autor usa o princípio ativo da acupuntura, "com uma picada de agulha, seria possível curar doenças" (LERNER, 2005, p.7). Para explicar como um simples gesto pode recuperar ou revitalizar este ponto e a área ao seu redor.

Ele compara a cidade ao corpo humano que muitas vezes pode ficar doente e até em 'estado terminal'. Desse modo, assim como o corpo humano necessita de médicos, acredita que as cidades também necessitam de intervenções para revitalizar e melhorar tanto a paisagem, como a relação das pessoas com o local.

Sabendo que o planejamento é um processo e que não traz resultados imediatos, uma ação iniciadora pode desencadear uma transformação e a essa ação, Lerner compara com a punção de uma agulha de acupuntura.

[4] Jaime Lerner (1937~2021) foi arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Paraná. Foi prefeito de Curitiba por três vezes e governador do Paraná em duas gestões.

Ainda descreve as ações da ‘acupuntura’ para gerar as transformações: Em forma de obra que propicia uma mudança cultural como a restauração da Grand Central Station, em Nova York; ou por ideia criativa, como a pirâmide do museu do Louvre; recuperação do conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer, em Belo Horizonte; ou na transformação dos danos que o homem produziu na natureza e modificar a degradante paisagem da pedreira com a Ópera de Arame, em Curitiba, convertendo em local agradável de visitação e eventos (LERNER, 2005, p. 8-9).

Apesar de não mencionar o *fengshui* em seu livro, intuitivamente Lerner entende que pequenas ou certeiras ações podem ativar locais com energia estagnada ou com pouca energia e revitalizar o lugar e seu entorno. Essas ações são as aplicações do *fengshui* conhecidas como ‘cura’ ou ‘alívio’, ou seja, atitudes para corrigir ou mitigar a energia perversa ou *sha* e ativar a boa energia *qi* local. Este livro traz uma discussão que esclarece muito bem os aspectos do *fengshui,* porém devemos estar atentos aos interesses sociais em valorizar somente as áreas centrais e privilegiadas em detrimento das áreas periféricas desatendidas e carentes.

Yi-Fu Tuan (2013) trabalhou o tema da arquitetura na década de 1960, analisando o uso das cores e criticando a influência da matemática para a criação de design. Desse modo evidencia o seu posicionamento contrário perante a frequente utilização do racionalismo (PÁDUA, 2013).

Comenta sobre a evolução das habitações que na Idade Média era um amplo espaço sem divisões para espaços privativos a cada membro da família e das arquiteturas religiosas onde cada detalhe compõe a magnificência divina e a pequenez humana (PÁDUA, 2013).

Nesta experiência pela arquitetura Tuan demonstra uma ênfase no subjetivismo para compor as construções procurando entender o sentido da habitação através da história.

Uma tese defendida na Universidade de Lisboa por Ana Isabel Figueira Marques em 2016 traz muitas contribuições sobre a técnica da utilização do *fengshui* que é complexa para ser explicada de modo simplificado. Sob o título de: *“A arquitetura no ocidente versus a geomancia oriental: A verificação feng-shui em alguns templos cristãos”,* Marques discorre sobre a técnica e sua aplicação em templos cristãos.

Explica as duas técnicas básicas do *fenghui:* a escola da forma e a escola da bússola. Na escola da forma são consideradas ‘as formas’ dos espaços rurais e urbanos. Os quatro animais míticos que fazem parte desta linha são: o dragão, o tigre, a tartaruga e a fênix. Cada animal possui localização própria e estão ligados a cores específicas.

Na escola da bússola trabalha com o *qi* do céu e com o *qi* da terra, buscando identificar e harmonizar essas energias. Explica também que os chineses deram tanta importância aos pontos cardeais que lhe atribuíram e relacionaram com o livro sagrado, o *I-Ching*. Através dos sessenta e quatro hexagramas, o *I-Ching* expressa orientações de vida e é considerado um oráculo.

Nesta escola da bússola são analisadas duas formas de energias: a energia celeste com o octógono mágico (*pa-k’ua*) e seus trigramas representando as oito direções e as formas de energia terrestre, como as energias telúricas do subsolo: as linhas de Ley e as linhas de Hartmann (MARQUES, 2016).

As linhas de Ley são linhas de energia que passam pela Terra e interligam os vários lugares de destaque geográfico e construções históricas, foram pesquisadas por estudiosos alemães; e as linhas de Hartmann são linhas de energia que formam uma malha na Terra e no seu cruzamento são prejudiciais à saúde contribuindo aos estudos da geobiologia (CAMPADELLO, 1998). Estas formas podem ser maléficas ou benéficas, devendo ser consideradas ou evitadas nas habitações. Muitos arquitetos trabalham em parceria com consultores de *fengshui*, interiorizando elementos básicos. A autora cita rapidamente que vários aspectos do *fengshui* estão ligados ao caráter divinatório do *I-Ching* e que o quadrado mágico das nove estrelas está associado aos cinco elementos (MARQUES, 2016)

Comenta também sobre a técnica do Chapéu Preto que utiliza o *fengshui* das formas descrita por Sarah Rossbach (1998). Baseada no budismo tibetano, a técnica do Chapéu Preto é assim conhecida devido aos monges dos mosteiros utilizarem chapéu preto e foi popularizada como *fengshui* intuitivo, analisando as formas e associando aos elementos estudados. Vários autores adotam técnicas que abrangem alguns aspectos do *fengshui* deixando outros ou também associando as duas técnicas, da bússola e das formas, como adotada pela mestra em *fengshui* Eva Wong (1998).

Marques cita que grandes empresas ocidentais como a British Airways, Hilton e Citibank recorreram ao *fengshui* quando se instalaram na Ásia e que outras empresas famosas do ocidente a utilizaram em seus países. A autora acredita que a geomancia no oriente está ligada à antropologia e que no ocidente grande parte do conhecimento geomântico perdeu-se e que a boa energia dos lugares é importante para conviver em harmonia e preservar o meio ambiente (MARQUES, 2016)

Outro evento importante considerado por ela é o *genius locci* que pode ser natural e cultural sendo o homem o integrador dos dois aspectos no espaço vivencial que lhe foi ofertado, criando consciência desta dimensão da metamorfose ambiental constante e da continuidade temporal conferindo autenticidade do tempo: passado e futuro. O espírito do lugar, o passado como patrimônio, a revitalização urbana e o futuro como consequência das pré-existências, renovando as energias do mesmo lugar (MARQUES, 2016).

Marques realizou estudos de casos de templos cristãos para comparar os dados obtidos com o *fengshui* e da cronologia histórica do lugar pelo Inventário do Patrimônio. São estudadas as seguintes igrejas: a igreja de Santa Maria em Sintra, a igreja do Convento de S. Vicente de Fora, a Sé de Lisboa ou igreja de Santa Maria Maior, a igreja da Memória e a ermida de Santo Amaro.

Explica que o *fengshui* possui os dois *pa-k'ua*, um celeste e outro terrestre e que devem ser integrados para uma harmonização completa, pois um representa a energia vertical, o arquétipo dos lugares e o outro a energia horizontal, o carisma da transformação. A Escola da Forma considera a estrutura cênica da paisagem e quando esta se apresenta plana, sem referências para interpretações é necessário a utilização da bússola. O conjunto das duas escolas é aplicado aos locais para conhecer o bom *qi* (energia vital) ou o *sha,* o seu oposto, a união entre as formas de energias celeste e terrestre traz consigo a parte mística da magia, da cura que solucionaria as energias, da adivinhação e da longevidade (MARQUES, 2016).

Os cinco elementos e seus dois ciclos: ciclo da criação que é circular e o ciclo do controle que segue um pentagrama serve para detecção da energia local e identificar as formas de relevo, que necessita da nossa imaginação visual. (Fig. 01 e 02) As formas de relevo conforme os cinco elementos segue o seguinte modelo: as montanhas tipo metal tem picos arredondados com ladeiras suaves; do tipo madeira, têm o cume plano e ladeiras suaves; do tipo fogo, têm forma triangular com pico

agudo e formação de penhasco; do tipo terra, têm o cume plano e encostas escarpadas e do tipo água forma uma cadeia montanhosa com cume arredondado e encosta irregular (WONG, 1998).

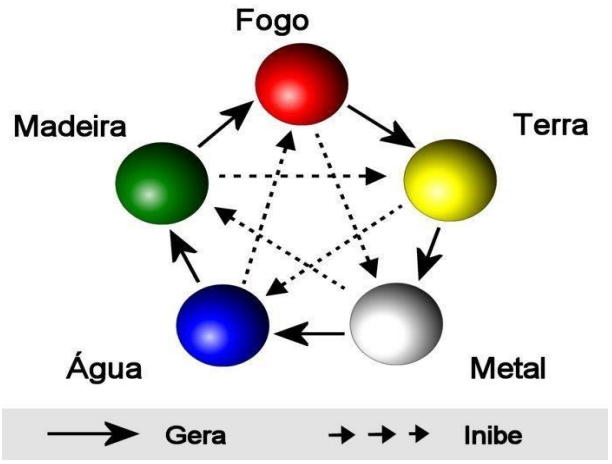

Figura 2 Os cinco elementos: ciclo de criação e ciclo de destruição

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5e/5_elementos_L.jpg (29/12/21)

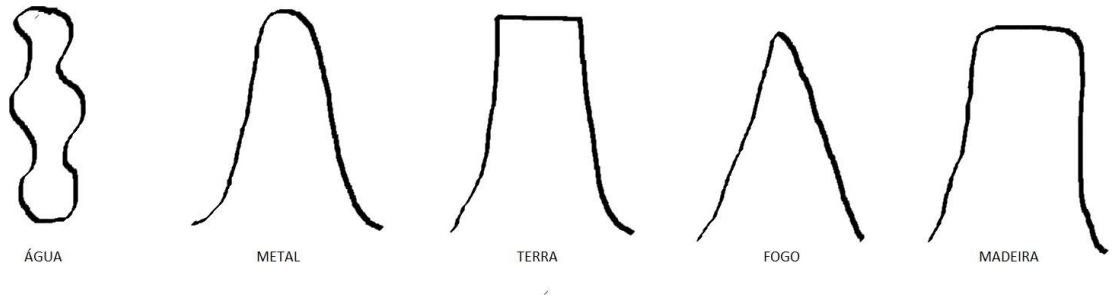

Figura 3 Classificação das formas terrestres correspondentes aos elementos

Fonte: WONG, p. 83, 1998.

O tempo é um elemento a ser considerado para compreender os locais, os chineses adotaram um ciclo de sessenta anos desde 2.637 a.C., momento exato em que a estrela polar passou pelo pólo geográfico (MARQUES, 2016).

Cada ciclo de sessenta anos é considerado uma era e são necessárias três eras para se completar um ciclo completo, ou seja, cento e oitenta anos formam um ciclo completo - período importante para observar os padrões do universo. Observa-se que aqui o tempo tem um sentido cíclico e não linear. Porém existem outros ciclos com intervalo de tempos menores, seguindo padrões de subdivisão deste ciclo maior, que também são utilizados. No calendário chinês é adotado a combinação dos ciclos solar e lunar para a organização dos trabalhos agrícolas onde são observadas as transformações da natureza conforme as mudanças do clima. Os meses lunares começam na lua nova e o ano lunar inicia na segunda lua nova depois do solstício de inverno (WONG,1998).

O *lo-p'an* é a bússola utilizada no *fengshui,* possui uma agulha magnética no centro e vários discos concêntricos com inscrições contendo toda cosmogonia chinesa, informações do *pa-k'ua* celeste e terrestre, é de utilização pessoal pois é influenciado pelo magnetismo dos lugares e do geomante. (WONG, 1998).

Marques comenta sobre o *I-Ching* descrevendo como a expressão do *Tau*, ou seja, a harmonia do Universo. Neste sentido, observa que o *fengshui* procura estar de acordo com esta harmonia respeitando o meio ambiente. As energias *yin* e *yang* vão estar representadas por linhas inteiras e quebradas agrupadas em conjunto de seis linhas que através de combinações, totalizam sessenta e quatro hexagramas (WONG, 1998).

O sistema de numerologia foi desenvolvido pelo imperador Fuhi (2.852 a.C.) que adotou o sistema binário, estabeleceu os sessenta e quatro hexagramas e idealizou o protótipo do *pa-k'ua* celestial. Em 1143 a.C. o Rei Wen da dinastia Chou, definiu o *pa-k'ua* terrestre e interpretou os hexagramas. O seu filho, o Duque de Chou, completou o trabalho do pai, interpretando cada linha do hexagrama, facilitando o entendimento do *I-Ching.* Confúcio e Lao Tsé inserem estudos e comentários no *I-Ching* (WONG, 1998).

Marques faz uma analogia entre os *pa-k'uas* celestial e terrestre com o processo de criação conhecido no ocidente e ressalta a importância dos pontos cardeais e colaterais, associando simbologia a cada ponto.

Os trigramas são representações simbólicas dos ciclos do universo, as linhas inteiras e interrompidas em conjunto de três, formam a imagem e representam elementos ligados aos pontos cardeais e colaterais (MARQUES, 2016).

As formas de relevo reproduzem as configurações energéticas, uma grande montanha ou um lago de águas calmas, representam um grande acúmulo de energias. Observar o meio natural ou urbano para identificar os elementos e aplicar o *fengshui* para aproveitar o *qi* da melhor maneira é uma das ferramentas para a arquitetura. Marques faz referência à fenomenologia para comentar sobre a mente e o espírito e que é necessário buscar o equilíbrio no corpo e nos lugares. Explica sobre as correntes magnéticas da Terra, das influências nocivas dos lençóis freáticos que se propagam pelos ferros das construções formando as gaiolas de Faraday e da Rede de Hartmann com medidas em torno de dois metros Norte/Sul e Leste/Oeste e que devem ser evitadas nos pontos onde há o cruzamento. Esta linguagem cósmica e telúrica se traduz em *genius loci* e entende que o *qi* é a energia vital que anima os seres e percorre os lugares. Faz uma relação entre a sociedade com o ato de habitar para buscar entender comparando o antropológico com as interações entre os lugares e o universo (MARQUES, 2016).

Outra analogia importante é em relação ao corpo humano e com o médico e filósofo Jing Nuan, Marques comenta os seus estudos sobre os pontos de acupuntura que podem ser divididos em dois grupos: “Estranhos” que são pontos não comuns entre os seres humanos e que são pontos escondidos no espaço e tempo e o outro grupo é a “Energia” com vitalidade de padrão regular. Transpondo ao mundo físico, explica que os pontos “Estranhos” são representados pelo sol, lua, estrelas e que abrem oportunidades para criar os lugares mágicos e únicos no tempo e são conhecidas como “Portas Maravilhosas” e que através de rituais o *fengshui* é capaz de materializar esta integração entre o homem e o universo, Jing Nuan também lembra a incrível coincidência das combinações das bases nitrogenadas da cadeia de DNA que também resultam em sessenta e quatro combinações, como no *I-Ching* e a partir deles ser possível criar todos os órgãos e o próprio corpo humano com suas particularidades ou descrever o caráter de cada um ou desvendar as características do universo (MARQUES, 2016).

Por fim, a autora redige sobre o patrimônio, explica a metodologia empregada em seu estudo de casos dos templos cristãos com resultados satisfatórios na identificação da decadência dos espaços de cada templo ao longo do tempo e na comparação do *fengshui* com a geomancia ocidental (MARQUES, 2016).

A proposta deste artigo é muito interessante na qual a autora procura comparar as técnicas de geomancia oriental e ocidental em obras consolidadas (templos cristãos) e ainda podemos notar o esforço em descrever a técnica da escola da bússola, uma difícil missão para ser sintetizada em poucas páginas (MARQUES, 2016).

No artigo seguinte de Elisabete Rodrigues dos Reis, da Universidade Federal Fluminense sob o título: *"O lugar dos sentidos"* de 2017, trata sobre o *genius loci* termo adotado pelo arquiteto norueguês, Norberg-Schulz.

Reis explica que Norberg-Schulz valorizava a qualidade no sentido do habitar e aplicava a fenomenologia como método possível na arquitetura. Ele compreendia que o espaço poderia modificar o habitante e que deveria considerar as inter-relações, as intersubjetividades, a relação com o meio e os aspectos psicológicos. A expressão científica somente não garante a segurança e que o homem necessita de símbolos para representar a sua vida. As experiências da vida resultam em significados e a arte guarda e transmite estes símbolos (REIS, 2017).

O espaço existencial é um conceito elaborado por Norberg-Schulz que faz um estudo ontológico onde exprime a relação entre o homem e o ambiente, projetando no espaço o caráter psíquico do ser, daí sua identificação com Heidegger entendendo que o sentido existencial e o habitar são convergentes e que o habitar implica em algo mais profundo que abrigar e que o *genius loci* ou o espírito do lugar vem sendo cada vez mais reconhecido. Enfatiza que o papel do arquiteto está em criar lugares significativos, ou seja, lugares com *genius loci*.

A necessidade de buscar algo que expresse a subjetividade e a simbologia, fez transparecer a insuficiência das ciências exatas, encontrando na fenomenologia as respostas às suas indagações. Desse modo consegue explicar as particularidades de cada lugar, que é testemunho das experiências de vida, das emoções desenvolvidas e da ligação entre o ser e o espaço. Chegou a esta conclusão após perceber que uma geração de arquitetos construíram obras que destoavam muito do ambiente e não tinham identificação com o homem. Procurou resolver esta crise na arquitetura utilizando a fenomenologia. (REIS, 2017)

Elizabete Reis descreve a importância dos lugares, dos vínculos, das memórias, dos projetos e planejamentos, enfim da vivência que está sempre ligada aos lugares e da premência dos arquitetos em identificar esta relação. Norberg-

Schulz é o primeiro autor a dar esse sentido ao lugar o qual era considerado de forma racionalista até este momento na arquitetura. Entende que os aspectos psicológicos de localização e exposição podem ser reduzidos em orientação e com isso o homem deve saber onde está e como está em determinado lugar. Outro ponto importante observado por Norberg-Schulz é de que a estrutura de um lugar não é um estado fixo eterno, pois os lugares têm dinâmica e podem mudar, porém não quer dizer que o *genius loci* se perca ou desapareça. A plasticidade de um lugar se modifica conforme o tempo, as pessoas que habitam, povos e principalmente com as ideias hegemônicas presentes (REIS, 2017).

A fenomenologia é explicada como sendo uma filosofia em reação ao positivismo, na época considerada um pensamento hegemônico. A fenomenologia apreende o mundo vivido, um método que exige um retorno às coisas mesmas. Ao final, vincula a poesia à arquitetura e à existência humana, dando significado ao lugar (REIS, 2017). O esclarecimento de *genius loci* como espírito do lugar e seu imbricamento com a fenomenologia é importante para o *fengshui* na medida em que são temas afins e o entendimento destes exige a mesma base epistêmica.

O artigo seguinte de Alfred B. Hwangbo de 2010, sob o título: *"A new millennium and feng shui"* trata sobre a repercussão do *fengshui* no ocidente neste novo milênio.

Hwangbo entende que a popularização do *fengshui* pode ser uma reação ao niilismo moderno, refletindo o pessimismo das motivações por condições melhores de vida. Declara que muitas vezes o *fengshui* é utilizado porém a sua essência é desconhecida por envolver um complexo sistema de saberes orientais. Explica a origem e os elementos envolvidos com sua prática, definindo as duas escolas: a escola da bússola e das formas. A presença de dois esquemas, do céu anterior e posterior, do *I-Ching*, dos trigramas e hexagramas e do ciclo construtivo e destrutivo dos cinco elementos (Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal), o autor entende que muitos fenômenos diferentes são unificados em uma cosmologia abrangente e faz uma comparação entre o *qi* e os átomos da cultura ocidental (HWANGBO, 2010).

Afirma que a arquitetura, como disciplina autônoma, é recente na Ásia tendo somente um século, mas que o *fengshui* é muito antigo e que é aplicado também em outros segmentos como vestuários, peças de porcelanas devido à sua consistência conceitual. Alega que a harmonia resultante traz bem-estar humano, além de cumprir

com o simbolismo antigo. Explica a bússola que possui uma agulha imantada com vários círculos concêntricos com informações sobre os oito trigramas, os meses do calendário lunar, os vinte e quatro pontos cardeais, etc. Foi inventado em torno de 200 a.C. e utilizado para o *fengshui* e posteriormente, séculos depois, na navegação (HWANGBO, 2010).

Outra informação interessante é que os antigos chineses representavam o céu em forma de círculo e a terra em forma quadrada, estas representações são muitas vezes reproduzidas nas obras sagradas de templos, nas quais os altares ou os telhados tomam formas circulares sobre a base de paredes quadradas. Enfatiza sobre a diferença entre as duas escolas dizendo que a escola da forma requer conhecimento e intuição aguçados para identificar as formas encontradas na natureza e classificá-las aos animais sagrados, acreditando que as metáforas foram enraizadas segundo os conceitos de *yin* / *yang* e os cinco elementos, mas que gradualmente os chineses passaram a confiar nas duas escolas por representarem o mesmo conceito (HWANGBO, 2010).

Comenta a necessidade da ausência de suposições (Époque, um dos pressupostos indicado por Husserl para estudar determinado assunto), para que uma vez livre de opiniões pré-concebidas facilitaria verificar o *fengshui* que abrange modo de pensar asiático sem contrapartida no pensamento ocidental e considera uma forma diferente de idealizar o mundo. Apesar de ser uma técnica antiga, não gera conflitos com a modernidade, pois muitos de seus pressupostos seguem no sentido de valorizar os elementos da natureza os quais estão ganhando uma revalorização no ocidente devido à conscientização da defesa ao meio ambiente. (HWANGBO, 2010).

Compara a forma de uso dos números, da geometria na arquitetura ocidental, na qual os números expressos em proporção trazem uma harmonia visual e de forma diversa, na Ásia o uso dos números obedece à dicotomia do *yin/yang*, aos trigramas e hexagramas, aos cinco elementos, etc. Guiados pelas direções auspiciosas dos pontos cardeais, o objetivo era projetar as obras em harmonia com o Céu e a Terra. O autor supõe que o *fengshui* aplicado atualmente não abrange o conhecimento genuíno de sua tradição, afirma que é uma aplicação contemporânea de uma tradição antiga sem sua historicidade. A popularização do *fengshui* revela uma comercialização implacável da arte que é condicionada aos fatores sociais e

culturais. Mesmo assim, ainda acha que vale a pena discuti-lo num nível superior dentro do mundo das artes e persiste na ideia de que o *fengshui* veio junto com outras religiões em reação ao niilismo moderno e que este modismo, tanto como outros, é efêmero ou se vai permanecer como um pensamento conquistado, só o tempo para comprovar (HWANGBO, 2010).

Este artigo chama a atenção da decorrência do *fengshui* no ocidente, da sua aplicação, da abordagem dos ocidentais quanto ao sentido e essência do mesmo, e principalmente do propósito comercial que é muito evidente e se sobrepõe à verdadeira finalidade do *fengshui.*

O artigo seguinte tem o título de *"Harmonious spaces: the influence of Feng Shui on urban form and design"* de Manuella Madeddu e Xiaoqing Zhang de 2017 cujo próprio título já esclarece sobre a influência do sistema de crenças do *fengshui* sobre a produção do espaço e o papel que desempenha nos dias atuais.

Os autores descrevem as marcas que cada civilização imprime na paisagem, produto de suas crenças, vivências e cultura, comentam sobre a influência das religiões que demarcam os espaços profanos e sagrados e entram na cultura do *fengshui* explicando suas origens e aplicações. (MADEDDU; ZHANG, 2017)

A construção do espaço leva em conta o conjunto social, cuja convivência se faz entre os que pensam de modo semelhante criando expectativas ao futuro que estão alinhados com o passado e o presente. Segundo Bordieu, o habitus modela nosso espaço que vai desde a intimidade da nossa casa até a dimensão da esfera pública. O habitus seria o conjunto de valores internalizados, duráveis e socialmente construídos (MADEDDU; ZHANG, 2017).

Há uma forte relação entre o habitus e o habitat, o habitat determina o habitus e vice-versa. Os autores destacam o pensamento de Heidegger que relaciona a construção de um edifício não somente com a arquitetura ou engenharia, mas como expressão da experiência e da relação das pessoas que irão habitá-la e com o seu entorno. Cita outros autores que vão considerar o ato de habitar e produzir espaços, estão relacionados e são produtos sociais. Descrevem as cidades gregas que eram formadas por várias pólis, cada qual com autonomia e formada de acordo com a geografia, depois a cidade medieval que era formada por um aglomerado em torno de um castelo ou igreja e a cidade renascentista refletida em casas suntuosas

construídas com a prosperidade da burguesia com ruas e espaços públicos expressando sua importância (MADEDDU, ZHANG, 2017).

Explicam as origens e o desenvolvimento do *fengshui* e apesar dos primeiros registros escritos surgirem no Livro do Enterro - Zang Jing (317 - 420 d.C.), a sua prática já ocorria muito antes destes registros e segundo os autores coincide até com a própria história da filosofia chinesa. Quanto mais antiga se verifica a prática, mais inseparável se torna da cosmologia geral e das práticas de adivinhação. A adoração aos ancestrais era a forma de demonstrar respeito e acreditava-se que os espíritos dos falecidos influenciavam na fortuna dos descendentes. Outro ponto importante é a observação da natureza e seguindo um padrão cíclico, os antigos chineses traduziam os padrões em números e construíam esquemas de orientação. Todos esses estudos foram desenvolvidos inicialmente para obter o máximo de proveito ou prever boas colheitas nos campos agrícolas (MADEDDU; ZHANG, 2017).

Identificam também as duas escolas de *fengshui:* a Escola da Forma, que associava as formas de relevo aos animais míticos e desenvolviam a intuição dos acontecimentos através destas formas e a Escola da Bússola que usa os pontos cardeais, a numerologia e o tempo. Essas técnicas eram utilizadas pelos imperadores e gradativamente foi se popularizando e sendo praticado também nas camadas mais inferiores. Atualmente está sendo impulsionado pelo setor de comércio, muito evidente em Hong Kong e na parte continental. Em Hong Kong serviu de elemento para enfatizar a identificação chinesa em reação às influências da cultura europeia e no mercado imobiliário, nota-se que os moradores procuram e pagam mais por residências com bom *fengshui,* isto ocorre também em Taiwan. Na China continental há uma retomada da prática que foi inibida durante o período de Mao, as preferências dos consumidores estão se tornando tão exigentes que as empresas incluem o *fengshui* de forma natural. Seus princípios têm inspirado projetos principalmente de restaurantes e hotéis em todo o mundo, enquanto na Ásia seu uso é vinculado ao sentido de adoração dos ancestrais, no ocidente ficou conhecido pelo lado ambiental, ecológico, alternativa religiosa e design, inclusive o design de interiores foi onde se disseminou de maneira vigorosa, com objetivo de alcançar o sucesso, a saúde, a prosperidade e a felicidade. Apesar de estar arraigada em antigas filosofias, é utilizada em tempos atuais, tem ampla variação de escala, desde escalas usadas pelos imperadores para projetar cidades, até espaços

intimistas como o interior de uma casa, na qual o morador insere seu habitus em seu habitat (MADEDDU; ZHANG, 2017).

Os autores apresentam diferentes formas de impacto do *fengshui* nas áreas rurais e urbanas. Nas áreas rurais, a prática está relacionada à cosmologia e religião e nos espaços urbanos, pela busca de um lugar auspicioso para construir ou renovar um espaço harmonioso. Ressaltam que a escola das formas foi muito utilizada em regiões montanhosas da China, onde havia elementos referenciais (montanhas, colinas, rios, lagos, etc.) para guiar o posicionamento, já nas planícies, a escola da bússola guiou as localizações, orientando as casas para o Sul. Houve um tempo em que os pátios eram comuns nas residências, estavam presentes nos palácios nobres até em casa populares, pois eram indicados pelas duas escolas do *fengshui*. No intuito de elevar o status, casas populares exageravam na decoração e procuravam imitar os palácios imperiais, com pinturas douradas, beiral duplo, padrão de dragão e o número nove, este costume foi terminantemente proibido por expressar arrogância. Com a rápida urbanização, essas casas foram substituídas por grandes condomínios, mas nem por isso os valores do *fengshui* desapareceram (MADEDDU; ZHANG, 2017).

No setor comercial o *fengshui* é aplicado em toda a China, mas em Hong Kong este fenômeno é muito evidente. Consideram inaceitável as empresas que ignoram, pois acreditam estar arriscando o sucesso dos negócios:

> “Os futuros ocupantes de escritórios e residências levam o Feng Shui a sério e pagam mais por um bom Feng Shui. Isto molda o mercado e o comportamento das empresas de desenvolvimento e seus arquitetos e designers urbanos contratados.” (MADEDDU; ZHANG, 2017, p.716).

Uma informação muito interessante, são os ‘buracos’ projetados no meio dos edifícios em Hong Kong, encontram-se à meia altura e servem para a circulação do *qi,* em Repulse Bay temos alguns exemplos, fig. 03 e 04.

Figura 4 Edifício com "buraco" em Repulse Bay - Hong Kong

Fonte:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/6c/The_Repulse_Bay_Overview_201501.jpg/220px-The_Repulse_Bay_Overview_201501.jpg

Figura 5 Edifícios com "buracos" em Hong Kong

Fonte: https://abordodomundo.files.wordpress.com/2016/09/hong-kong-dragon-holes-26.jpg

Em uma cidade com valores altíssimos dos terrenos, seria muita ousadia desperdiçar espaços, porém a crença no *fengshui* é tão arraigada que se permite realizar este aparato, pois os valores cobrados no momento das vendas compensam este espaço vazio: “os valores sociais moldam as decisões comerciais e os resultados do design” (MADEDDU; ZHANG, 2017, p. 717).

Importantes empresas como a Disney Corporation e o HSBC, procuram seguir as orientações do *fengshui* e quando se deparam com construções vizinhas que podem afetar suas energias, procuram realizar ou utilizar artifícios para contornar o problema. Grandes somas são gastas para adequar o *fengshui* ou corrigir o design:

> Depois de receber o conselho de um consultor em 1980, os proprietários do Hopewell Centre (novamente em Hong Kong) construíram uma piscina no telhado do edifício. O conselho que receberam foi que, como o prédio se assemelhava a uma vela, era suscetível ao risco de incêndio. A piscina da cobertura eliminaria o risco e tranquilizaria os ocupantes (MADEDDU; ZHANG, 2017, p. 717).

Segundo os autores, o impacto do *fengshui* é tão marcante nas cidades que o uso da Terra dificilmente pode ser entendido dissociado dela. Na China antiga, foi muito usado para localizar cidades e era inconcebível realizar esta tarefa sem respeitar o *fengshui*, caso contrário poderia arriscar a prosperidade e o bem estar de todos. A maioria das cidades chinesas além de se orientar na localização obedece aos critérios do modelo ideal de *fengshui*, seguindo o posicionamento dos elementos naturais, montanhas, colinas, rios, etc. O layout apresentava um formato quadrado ou retangular e as entradas e saídas estavam alinhadas com o eixo norte-sul e o estabelecimento de ruas, casas, alojamentos, conforme os outros pontos cardeais.

Autores como Lip (1997) e Mak (1998) afirmam que a mudança da capital de Nanjing para Pequim, foi em parte devido ao bom *fengshui* de Pequim. Grandes obras eram empreendidas para melhorar o *fengshui* da cidade e normalmente essas obras não eram definitivas, pois poderiam ser modificadas (casas, prédios demolidos ou reformados) conforme a configuração astronômica que se modifica com o passar do tempo, seguindo o calendário chinês e tendo como consequência a mudança do estado energético do lugar. Nas áreas rurais, o respeito ao *fengshui* foi profundo e existem aproximadamente 2.500 aldeias protegidas pelo *fengshui,* cercada por florestas que muitas vezes foram solicitadas pelos mestres de *fengshui* para corrigir as imperfeições locais ou a falta de montanhas e em várias situações foi necessário o plantio de árvores pelos aldeões para a formação destas florestas. (MADEDDU; ZHANG, 2017).

Os autores também citam vários exemplos de *fengshui* fora da China: na Coréia e no Japão. Reconhecem que atualmente na escala urbana o *fengshui* ocorre de forma mais sutil que no passado, devido às influências externas e da posição política do Estado chinês. Durante o início do século XX, as influências da cultura ocidental e das ciências naturais tornaram o *fengshui* obsoleto e supersticioso sendo impedida a sua prática durante e após a Revolução de Mao. Em locais onde houve menor influência política, como em Hong Kong, a herança tradicional sofreu menor impedimento e atualmente verificamos aplicações mais robustas. Na China

continental, o *fengshui* vem gradualmente ganhando reconhecimento, sendo interessante em projetos complexos, porém o governo chinês considera o *fengshui* uma prática supersticiosa e retrógrada procurando restringir seu uso, mas às vezes cai em contradição por aplicá-la (MADEDDU; ZHANG, 2017).

O artigo de Madeddu e Zhang traz um panorama da aplicação do *fengshui* no espaço urbano, realizando uma descrição desde a antiguidade. Mostra a conjuntura atual, evidenciando o conflito entre o Estado, que gradativamente vem cedendo aos apelos, e a população, que sentindo a diminuição da austeridade do Estado, demonstra em certa medida suas crenças, buscando a prosperidade e felicidade no *fengshui* que se revela na organização e design das construções urbanas.

Os artigos da arquitetura, colaboram muito na compreensão sobre o uso do *fengshui* nas construções urbanas. Descrevem sua origem, explicam seus princípios e aplicações e destacam pontos muito interessantes, como a abordagem ocidental, o uso parcimonioso entre os próprios chineses e a influência no design de alguns edifícios em Hong Kong.

3 CAPÍTULO 2: *FENGSHUI* E GEOGRAFIA CULTURAL (PAISAGEM)

O Mestre disse: “A pessoa sábia alegra-se com os rios; a pessoa Humana, com as montanhas. A pessoa sábia é ativa; a pessoa Humana, tranquila. A pessoa sábia é alegre; a pessoa Humana, longeva”.
(Confúcio - Analectos 6.21)

CAPÍTULO 2 - *Fengshui* e Geografia Cultural (Paisagem)

3.1 Fengshui

Sarah Rossbach (1998) descreve o *fengshui* como resultado da combinação da religião (taoísmo), da ciência (astronomia, geologia, magnetismo) e da superstição (astrologia, xamanismo, cartomancia). A partir da contemplação das paisagens, como as cadeias de montanhas, cujos picos se projetam no céu enevoado, rios com trajetos definidos pelos vales e formando meandros que vão fornecer recursos para os ribeirinhos. Muitos poetas, pintores de antigas dinastias, glorificaram a natureza (figura 5). Os pensadores taoístas tornaram-se discípulos da natureza, buscando harmonia e identidade com o cosmos. Nesta reverência à natureza, surgiu o *fengshui*. (ROSSBACH, 1998).

Os chineses possuíam uma relação profunda com a natureza e acreditavam que de alguma forma havia uma conexão entre paisagem e humanos, por conseguinte, se houvesse algum desequilíbrio ou prejuízo no meio ambiente, os homens também sentiriam os efeitos. Portanto, para ter boa sorte e prosperidade, o meio ambiente deve ser respeitado.

Foi no meio rural que os rituais evoluíram, para obter boas colheitas e evitar perdas devido às secas, enchentes e geadas, começou-se a observar a natureza, seus ciclos, o clima e a fertilidade da terra. Descobriu como o destino do homem era vulnerável e dependente dos caprichos da natureza (ROSSBACH, 1998).

Tanto o imperador, quanto o camponês eram dependentes das boas colheitas anualmente e para isso, estavam sempre atentos aos sinais da natureza. O imperador por ser considerado um ser semidivino era responsável pela ‘intermediação’ e intervenção buscando controlar os desastres naturais, através do aproveitamento dos ventos e canalização das águas. Tinha auxílio de conselheiros especiais para interpretar os presságios (ROSSBACH, 1998).

Neste mundo rural, antes mesmo de ocorrer a urbanização, as premissas do *fengshui* eram baseadas na topografia e geologia da região, uma variação de montanhas escarpadas, planaltos, rios vales e planícies. Os fenômenos naturais,

como o vento e a água, eram interpretados como sinais sagrados que intuíam misteriosamente os xamãs quanto à localização de uma edificação ou uma tumba (ROSSBACH, 1998).

Figura 6 Contemplação da paisagem

Fonte: https://i.pinimg.com/originals/f7/1e/e8/f71ee8dd695daed8feec6392efe476f1.jpg Em 20/07/21.

Os antigos chineses elegeram um ambiente ideal para sobrevivência que deveria estar no meio da ladeira de uma colina no lado norte de um rio, voltada para o sul, receber boa insolação, protegida dos ventos fortes e enchentes e ainda com

acesso à água para a agricultura e subsistência. Os chineses atribuíam às formas de relevo, significados sagrados, a terra tinha muitas aparências, de dragão a Deus desencarnado, todas possuidoras de poderes cósmicos que regem o destino dos homens. O local ideal deveria ser protegido pela tartaruga negra ao fundo, à esquerda pelo dragão verde e à direita pelo feroz tigre branco. Em frente e em posição mais baixa, ficaria a fênix vermelha que permitiria uma visão frontal com proteção (figura 6). Quando não era possível um local favorável como este, a busca de soluções levou ao estudo do *fengshui.*

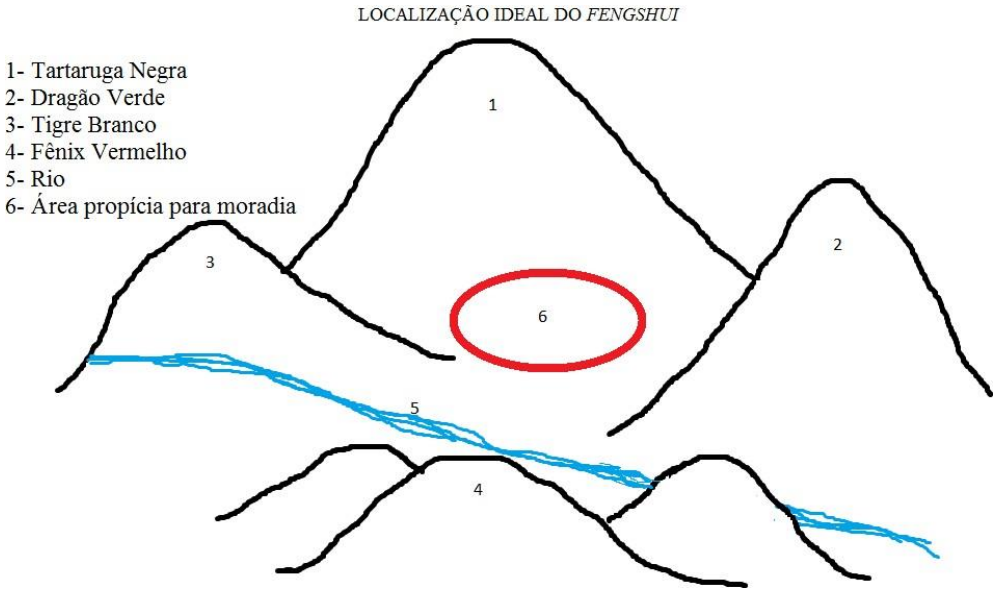

Figura 7 Localização ideal do *fengshui* (figura adaptada)

Fonte: ROSSBACH, 1998, p. 60.

Na mitologia da criação chinesa, a paisagem não era apenas um complexo de montanhas, rios, lagos e florestas, mas uma figura divina transformada. Conforme Lévi-Strauss (2008) a mitologia é uma forma de explicar o que não era explicável de modo objetivo, mas que conduzia as ações humanas de maneira lógica.

> A origem do mundo reside num ovo primordial do qual germinou um deus que viveu 18 mil anos. Então ele morreu. A cabeça dele rachou e transformou-se no sol e na lua, o seu sangue, nos rios e mares, o seu cabelo nas plantas, seus membros nas montanhas, sua voz no trovão, a sua transpiração, na chuva, sua respiração no vento - e suas pulgas, nos ancestrais do homem (ROSSBACH, 1998, p.32).

Desta forma, a ocupação do meio não poderia ser realizada de forma aleatória, pois estariam sobre o corpo de uma figura divina que já tivera a forma humana e alimentou os parasitas humanos. A mitologia ajuda a justificar a ocupação dos locais adequados, o *fengshui* envolve elementos tangíveis: relevo, espaço físico, vegetação, assim como elementos intangíveis: espiritual, sociológicos, psicológicos e religiosos. Tem forte conotação supersticiosa, devido aos registros simplificados, falta de compreensão e falta de pesquisa sistemática. (HAN, 2009)

Os estudos de *fengshui* estão pautados na escola da forma e na escola da bússola. A escola da forma é conhecida como *Luan Tou* (pico da montanha) e foi criada antes de *Li Ch'i* (arranjando o *Ch'i*) ou escola da bússola. A escola da forma analisa a topografia, a vegetação e o clima, necessita da habilidade e experiência do especialista por ser muito intuitivo. As formas tinham uma grande importância, os chineses associavam aos animais míticos e em respeito, preferiam contornar para não interferir na figura mítica:

> Esmeravam-se por não perturbar ou desequilibrar o chi da terra ou romper uma veia do dragão. A Grande Muralha é um exemplo clássico. De ponta a ponta, seu comprimento em linha reta é de mil e cem milhas. Mas, de fato, tem duas vezes esse tamanho, pois em seu traçado ela serpenteia, contornando cada mudança no terreno para evitar rupturas na terra e, consequentemente, a desestabilização da Dinastia Ch'in, na China (221-207 a.C.) (ROSSBACH, 1997, p.68).

A escola da bússola utiliza a bússola *luo pan* e faz a combinação entre os aspectos físicos do ambiente com as datas de aniversário dos ocupantes, alcançando maior harmonização do lugar com as características individuais dos residentes. Atualmente, são aceitas a combinação das duas escolas na análise de um local (HAN, 2009).

Alcançar uma vida equilibrada com a natureza, com o cosmos e com as pessoas implica em uma vida harmoniosa e os chineses acreditam que essa composição traz boa sorte. É amplamente praticado em locais com influência da cultura chinesa: China continental, Taiwan, Hong Kong, Cingapura, Japão e Coréia. Ke-Tsung Han (2009), faz um comparativo das pesquisas contemporâneas sobre a escolha de um local favorável para viver, relacionando com a evolução das espécies e conclui que as características ambientais indicadas pelos pesquisadores atuais que seguiram as regras científicas, são semelhantes aos descritos pelo *fengshui*.

Reconhece que devido à abrangência do *fengshui*, seria muito difícil reunir toda a sua complexidade em um único estudo (HAN, 2009).

Pier Campadello (1998) apresentou uma relação interessante entre os estudos da geomancia ocidental com o *fengshui.* Explicou sobre os estudos da radiestesia na Europa que definem as *Linhas de Lei* e podem ser localizadas com um pêndulo ou varetas ou com a sensibilidade de um operador geomante. Das redes nocivas de *Hartmann*, redes de radiações cosmotelúricas, que podem prejudicar a saúde das pessoas se permanecerem muitas horas nos pontos de cruzamento. Caracterizou esses estudos como geobiologia ou *fengshui* pois acreditam na interferência dos lugares com a saúde das pessoas:

> ... de tal forma que a Alemanha atual, junto com a Suíça, são os países modernos onde mais se desenvolveram os estudos de geobiologia ou *Feng Shui*, ocorrendo um grande nível de conscientização popular, que pode ser contado pelas numerosas revistas e publicações sobre o assunto e pelo extenso número dos seus praticantes, entre os quais se destacam médicos, arquitetos e populares, que seguem os conselhos do *Feng Shui,* para a construção de novas moradias ou para determinar as causas reais de doenças ou problemas surgidos em residências já construídas. (CAMPADELLO, 1998, p. 32)

A geomancia ocidental ou as pesquisas científicas para a definição de melhor local para se viver são válidas para compreender o *fengshui,* porém ainda sim, são insuficientes.

3.2 Adivinhação

A adivinhação era usada para tomar decisões mais seguras e certeiras quanto à caça, à pesca, agricultura e conveniência de guerras. Um conhecimento muito utilizado e que influenciou o *fengshui* foi a astrologia, um modelo celestial da ordem cósmica da terra. Construíam palácios e cidades seguindo a forma e o percurso astrológico da Ursa Maior - constelação que gira em torno da Estrela Polar. Acreditavam que esta constelação era afortunada e, portanto, assegurariam suas obras (ROSSBACH, 1998, p. 36).

Outro recurso muito importante e muito utilizado é o texto taoísta do *I-Ching ou o Livro das Mutações* (Ibidem, p.36*)*. Consta que o texto surgiu a partir de um processo de adivinhação que usava “ossos de oráculo” - carapaças de tartaruga e omoplatas de boi que, quando colocadas sobre uma fogueira, rachavam-se em diversas direções indicando uma interpretação do “sim” e do “não”. (ROSSBACH,

1998, p. 36) Ele antecipava o destino do homem e a natureza, atirando moedas, cubos de madeira ou gravetos de milefólio, os chineses interpretavam presságios com base nos trigramas resultantes. Esses trigramas simbolizam a natureza: céu, terra, trovão, montanha, fogo, vento, lago e água. O *I-Ching* simboliza a constante mudança, assim como os ciclos da natureza que se transformam respeitando a sazonalidade e os eventos da vida também não são estáticos. A representação desses elementos é encontrada nos arranjos conhecidos como o Céu Anterior e Céu Posterior (ver fig. 07)

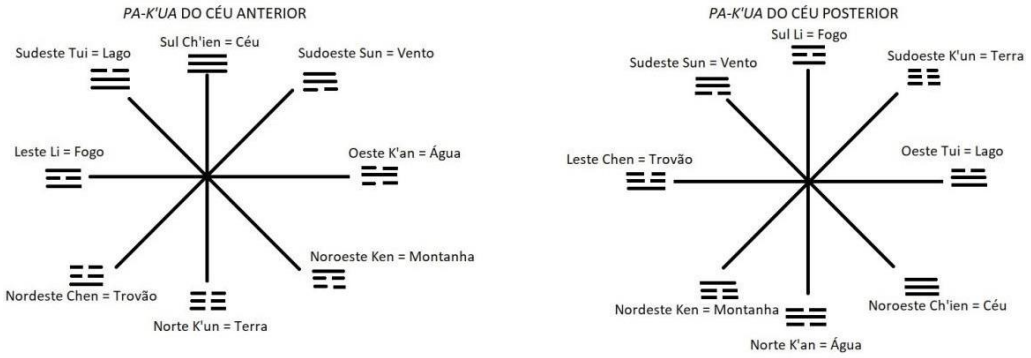

Figura 8 PA-K'UA DO CÉU ANTERIOR E PA-K'UA DO CÉU POSTERIOR

(Fonte: WONG, 1998, p. 26)

A sequência do Céu anterior é a sequência que antecede o mundo, também conhecido como Ordenamento Primordial. Os trigramas estão organizados conforme o provérbio contido neste livro das Mutações (atenção ao Sul que está acima, de acordo com as considerações chinesas)

> *Ch'ien,* céu e *K'un,* terra, determinam o eixo norte-sul. Segue-se então o eixo, *Kên*, montanha, e *Tui*, lago. Suas forças se interligam, uma vez que o vento sopra da montanha em direção ao lago e as nuvens e a névoa dirigem-se do lago à montanha. *Chen,* trovão, e *Sun*, vento surgem fortalecendo um ao outro. *Li*, fogo, e *Kan*, água, são opostos inconciliáveis no mundo dos fenômenos. Entretanto, nos relacionamentos primordiais, seus efeitos não entram em conflitos, mas, ao contrário, mantêm um ao outro em equilíbrio (WILHELM, 2006, p. 206).

Os pares de elementos produzem um movimento no sentido horário, que permite verificar os acontecimentos passados e, no sentido anti-horário, possibilita o conhecimento do futuro (WILHELM, 2006, p. 206)

Na sequência do Céu Posterior, elaborada pelo Rei Wen é conhecida também como Ordem Interna do Mundo. Reflete os fenômenos terrestres correlacionados com as estações do ano.

> Todos os seres surgem no trigrama do Incitar (Chên), que se encontra a leste. Eles chegam à plenitude no trigrama da Suavidade (Sun) que se encontra a sudeste. A plenitude significa que todos os seres tornam-se puros e realizados. O Aderir (Li) é a luminosidade, na qual os seres percebem-se uns aos outros. É o trigrama do sul. O fato de os santos e sábios voltarem-se para o sul quando escutavam o sentido do universo significa que governavam voltados para a luz. Eles sem dúvida inspiravam-se neste trigrama. O Receptivo (K'un) significa a terra. Ele cuida para que todos os seres tenham alimento. Por isso se diz: "Ele (Deus) os leva a ajudarem-se uns aos outros no trigrama do Receptivo." A Alegria (Tui) é o auge do outono, que proporciona contentamento a todos os seres. Por isso se diz: "Ele lhes dá contentamento no trigrama Alegria." "Ele luta no trigrama do Criativo (Ch'ien)". O Criativo é o trigrama do noroeste. Isso indica que aqui o obscuro e o luminoso incitam-se um ao outro. O Abismal (K'an) significa água. É o trigrama do norte, do esforço a que todos os seres estão sujeitos. Por isso se diz: "Ele se esforça no trigrama do Abismal". A Quietude (Kên) é o trigrama do nordeste, onde consuma-se o começo e o fim de todos os seres. Por isso se diz: "Ele os conduz à plenitude no trigrama da Quitude". (WILHELM, 2006, p. 208).

Neste esquema são reproduzidas as ações na natureza e do ciclo das estações com correspondência ao período do dia. Cada ponto cardeal equivale a uma fase da estação do ano e com ela aos acontecimentos da natureza e sua analogia com as etapas da vida humana.

O *I-Ching* é considerado um oráculo que revelava os presságios, resolvia dilemas e fornecia conselhos sábios. Inicialmente foi utilizado entre os líderes governantes e a nobreza, aos poucos foi sendo apropriado pela população e sempre considerado como texto relevante. Um dos primeiros tradutores ocidentais, foi o alemão Richard Wilhelm (1873~1930), que na sua estada na China em meio a Primeira Guerra, trabalhou apaixonadamente na tradução, cuidando para não distorcer o sentido original do texto. Neste livro contou com a importante participação de Carl G. Jung, seu amigo pessoal, que contribuiu com o prefácio (WILHELM, 2006)

No *I-Ching*, os trigramas e hexagramas são chamados de *"Kua*" (signo). A sabedoria contida nos "*Kua*" foi muito relevante para o rumo da civilização chinesa. As perguntas formuladas ao oráculo, devem ser claras e objetivas, o ritual deve ser correto e as respostas interpretadas por uma pessoa experiente no assunto.

Enquanto manifestação do inconsciente, o oráculo usa linguagem simbólica e não um discurso racionalizado, que muitas vezes é esperado (WILHELM, 2006).

Jung no texto do prefácio, descreve a importância que o livro exerceu, na categoria de conselheiro de grandes líderes na arte de governar, fazendo com que escapasse à grande queima de livros na dinastia *Ch'in* de *Ch'in Shih Huang Ti*. Jung procura entender as proposições dos textos fazendo um paralelo entre os pensamentos chinês e o ocidental e conclui que enquanto o raciocínio ocidental tende a categorizar, isolar, classificar e selecionar, a lógica chinesa envolve a totalidade, inclusive os mais insignificantes detalhes. A partir deste entendimento, Jung sugere que o evento que se enquadra no processo de eleição do texto, jogando-se moedas ou caules de milefólio, é o da sincronicidade, cujo conceito define a coincidência dos acontecimentos, no espaço e no tempo, significando algo mais do que mero acaso (WILHELM, 2006).

Com o passar do tempo, devido ao grande prestígio do livro como expressão de sabedoria, outras correntes não chinesas vieram a se unir ao livro. Sistemas numéricos e filosofia naturalista, resultaram num livro com alto rigor formal (WILHELM, 2006). Reunindo a doutrina dualista do *yin-yang*, as especulações cabalísticas envolveram o livro numa névoa de mistérios. Com fama de livro misterioso e insondável, a fonte da ciência natural chinesa desaparece, devido a essa especulação, o caráter repressor fez substituir por uma tradição estéril de escrita e leitura sem qualquer vínculo com a experiência. Portanto, a China apresenta ao Ocidente, por longo período, uma imagem de estagnação no progresso da ciência (WILHELM, 2006, p.3).

Jung (*I-CHING,* 2006*)* esclareceu que o livro deve ser interpretado conforme o seu conteúdo e que não apresenta maiores dificuldades apesar de ser considerado de grande profundidade, por isso sobreviveu e continua sendo consultado nos dias atuais.

Num esforço em compreender toda a influência e o fascínio que a adivinhação provoca na cultura chinesa desde a antiguidade, Gengi Li (2014) fez uma pesquisa com base em dois anos de trabalho de campo no norte da China e em pesquisas de arquivo em todo país, para sugerir de forma convincente a legitimação da prática da adivinhação. Particularmente, a pesquisa procura legitimar como profissão as pessoas que atendem esta demanda, os adivinhos, que apesar de suprir os anseios

dos que o procuram, no campo da formalidade são estigmatizados. Com profundidade histórica e analisando o contexto socioeconômico e cultural Li, faz um exame valioso de como a identidade profissional é construída (LI, 2014).

A adivinhação, principalmente nos dias atuais, é um dos fortes quesitos que torna o *fengshui* um pensamento supersticioso e dificulta sua pesquisa no meio científico. Essa dificuldade sobre superstição já incomodava de alguma maneira o grande filósofo Confúcio que com muita lucidez, advertia que o envolvimento exagerado poderia trazer complicações: “Confúcio também o adverte de que Sabedoria é ter respeito pelo sobrenatural, mas não se perder em superstições ou passar os assuntos religiosos à frente dos políticos” (SINEDINO, 2012 p.200).

3.3 Taoísmo e *qi*

O Taoísmo é a filosofia da qual provém o *fengshui*, foi da observação meticulosa do céu e da natureza na terra que os chineses deduziram muitos ensinamentos, formulando teorias para os vários aspectos da vida humana. Conceberam várias práticas que traduzem um estilo de vida, dentre eles estão: as artes marciais, a astrologia, a numerologia, a meditação, a fitoterapia, a acupuntura e o *fengshui*.

Neste universo, os taoístas acreditam que existe uma energia que circula nos corpos animados e inanimados que é conhecido como *qi*. Este *qi* governa as ações do mundo mineral, vegetal e animal, em especial dos homens. O *qi* pode ser bom, exagerado e escasso. O *qi* deletério é conhecido como *sha*, energia vital negativa. O *fengshui* tem a função de identificar um local com um bom *qi* e evitar ou mitigar locais com circulação de *sha*.

3.3.1 Taoísmo

Os taoístas viam o homem e seu meio ambiente como um microcosmos do universo *Tao*, que também significa caminho. Os princípios do *Tao*, surgem da observação da rotina cíclica dos chineses, das mudanças sazonais do clima, do verão para o inverno e assim por diante. Das mudanças do dia e da noite, dos eventos opostos gerarem um ao outro, num fluir harmonioso sem entrarem em conflito. A partir desta filosofia, Lao-tsé escreveu: “Foi do Inominado que Céu e Terra

surgiram; o nominado é apenas a mãe que cria as 10 mil criaturas…” (ROSSBACH, 1998, p. 40).

Os peritos em *fengshui* buscam o equilíbrio e a equanimidade para alcançar a harmonia com o ambiente. *Yin e yang* (fig. 08), são as duas forças primordiais que governam o universo, são opostas e complementares, juntas formam todos os aspectos da vida e da matéria. *Yin* é escuro, *yang* é claro; *yin* é passivo e *yang* é ativo, mas quando estão juntos, são a harmonia - *Tao*. Dependem um do outro, são intrínsecos e não existem separadamente. Este conceito conecta os seres humanos com o ambiente. Do céu provêm o firmamento (*yang*) e a terra (*yin*), na terra temos as montanhas e planícies (*yin*), rios e córregos (*yang*). Entre os seres, o masculino representa o *yang* e o feminino *yin* e do indivíduo o exterior é o *yang* e interior *yin*. Por meio desta compreensão, a humanidade pode seguir o caminho do Tao e estar em harmonia com o Universo (ROSSBACH, 1998, p.41).

Nosso relacionamento com o *Tao* é a base da prática do *fengshui.* Para reforçar esta relação devemos compreender que a energia primordial do *Tao* é a essência da vida em toda criação, não nasce e não extingue. A energia primordial da vida retorna ao cosmos quando a forma se desfaz, para devolver a vida em outra forma, este ciclo é interminável. Para o Taoísmo a Geografia é sagrada, os pontos cardeais são elementos carregados de simbolismo e os componentes do relevo possuem significados relevantes para análise no *fengshui* (ROSSBACH, 1998).

Eva Wong (1998) cita que quanto mais próximos estamos do Tao, melhor podemos perceber o fluxo de energia em todas as coisas e estaremos mais preparados para estabelecer com ela uma união de colaboração.

Figura 9 *Yin* e *Yang* (Símbolo)

Fonte: https://s1.static.brasilescola.uol.com.br/be/imagens/filosofia/yinyang.jpg

O *Tao*, como princípio, seria a totalidade resultante do equilíbrio entre os opostos interativos e como processo, é constante, as mutações são cíclicas, num transformar infindável sempre a partir de um para o outro (ROSSBACH, 1997).

As montanhas sempre transmitiram um aspecto sagrado, lembrando Moisés que recebeu “Os Dez Mandamentos” das mãos de Deus no Monte Sinai ou os doze deuses da mitologia grega se reunindo no Monte Olimpo ou mesmo o sermão da montanha no qual Jesus Cristo profere lições de conduta moral e na China não foi diferente, os chineses tratam as montanhas como divindades, associando aos majestosos poderes da natureza, atuando na proteção e condicionando a existência da humanidade. Existem montanhas sagradas com templos Taoístas como o Monte *Taishan* em *Shandong* e os Montes *Wudang* na província de *Hubei* (fig. 9). No passado muitos imperadores visitaram essas montanhas para pedir orientações para os seus governos e proteção para o império, e em agradecimento e reverência ordenaram as construções de templos, os quais recebem visitas de seguidores e turistas até os dias atuais (JORNADA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, WUDANG DA FILOSOFIA TRADICIONAL CHINESA, 2022).

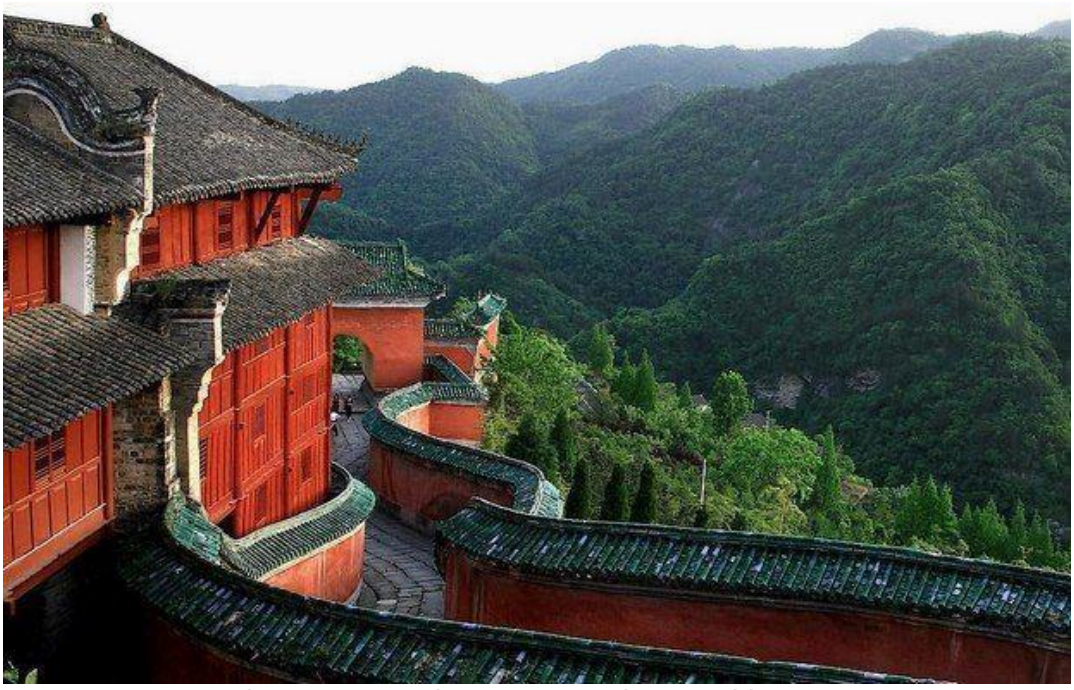

Figura 10 Templo Montes Wudang – China

Fonte: https://i.pinimg.com/originals/ed/b2/67/edb26766b0a76795aace0761e97629e1.jpg

3.3.2 Qi

A partir da interação, do equilíbrio e harmonização das forças do *yin* e do *yang,* surge a teoria do *qi*, elemento fundamental para o *fengshui,* cujo significado é o sopro cósmico ou energia. É a essência da vida, mas também está presente nos elementos inanimados como a terra, água, ar e outros (ROSSBACH, 1998, p.43).

No idioma chinês, o caractere *qi* tem dois significados: um cósmico e outro humano, o que vem ao encontro do seu sentido, na interpretação da energia cósmica estar simultaneamente e em sinergia com a energia humana. O mestre de *fengshui* Lin Yun (ROSSBACH, 1998) descreve o comportamento do *qi* no interior da terra, que se encontra em movimento espiralar, aproximando-se ou distanciando-se da crosta terrestre. Próxima da crosta terrestre pode elevar-se criando montanhas ou distanciar-se, a ponto de reproduzir ambientes áridos como os desertos, o ideal seria quando o *qi* tangencia a crosta terrestre, neste, o ambiente seria fértil com boa oferta de recursos hídricos (figura 10).

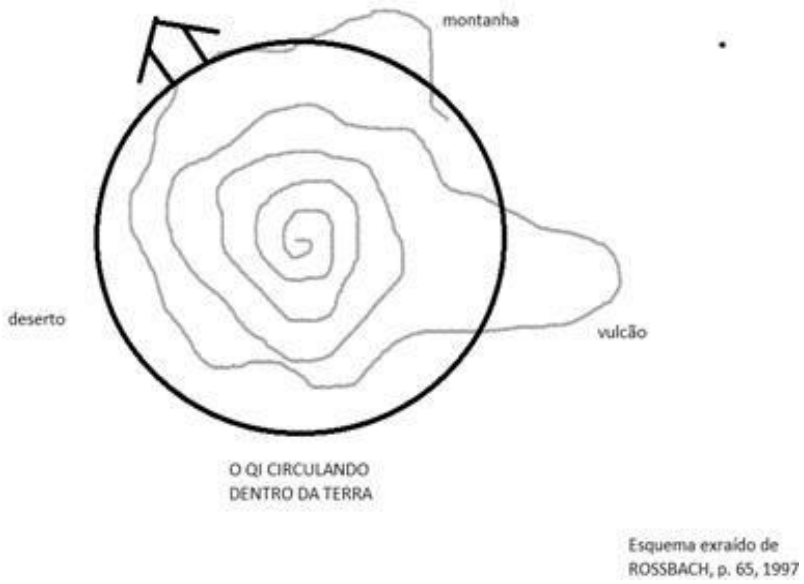

Figura 11 Qi circulando dentro da Terra

Fonte: ROSSACH, 1997, p. 65

Também temos a definição do *qi* como *genius loci,* termo latino para espírito do lugar, utilizado no segmento da arquitetura proposto por Christian Norberg-Schulz[5], que quis dar uma abordagem fenomenológica ao ambiente, envolvendo identidade e lugar. Norberg-Schulz (REIS, 2017) identifica algo a mais no espaço habitado que um simples espaço físico, uma interação entre o ser e o espaço, um bem-estar que permite o enfrentamento da vida diária. Ele acredita também que o espaço possui um 'espírito próprio', independente do espírito do visitante, que ele denominou de *genius loci*. (REIS, 2017)

Os especialistas do *fengshui* sabem que todas as coisas vêm do Tao e retornam, em um movimento da energia primordial *qi,* que anima a vida nos seres e percorre o universo.

3.4 Histórico do *fengshui*

Uma breve história sobre o *fengshui,* nos remete ao período da dinastia *Chou* (1122 – 256 a.C.), cujos imperadores seguiam sistemas de crença tradicionais com rituais para obter boas colheitas, saúde e paz ao reino. Neste período o Taoísmo (*Lao Tsé* 604-531 a.C.) e o Confucionismo (Confúcio 551-479 a.C.) se desenvolveram (ROSSBACH, 1998). Essas duas filosofias formaram uma sinergia ampliando e fortalecendo a religião, assim como o Budismo que chegou posteriormente, não havendo importantes conflitos entre elas.

Na dinastia seguinte, a *Chin* ou *Qing* (221 -206 a.C.) após a unificação dos reinos, o imperador *Qin Shi Huangdi* tornou-se rígido e autoritário. Recusava as culturas dos povos submissos e perseguia qualquer forma de rituais ou crenças. Portanto nesse período o *fengshui* fora proibido, porém a arte divinatória foi ficando cada vez mais poderosa e fortalecendo pontos de rebeliões ante ao poder intolerante do imperador (BRUNN, 2011).

Na dinastia *Han* (206 A.C.- 219 D.C.) na qual floresceu a arte do *Kan-yu* (*kan* significa montanhas e *yu* significa lugares baixos) ou a energia transportada nas formas da terra, a prática do *fengshui* foi permitida e foi amplamente desenvolvida. Era defendida pelos Taoístas que acreditavam que os corpos geológicos, particularmente as montanhas e rios eram impregnados de energia vital. Os

[5] Christian Norberg-Schulz (1926~2000) foi um arquiteto norueguês que participou do movimento da fenomenologia arquitetônica.

imperadores usavam os princípios do *fengshui* para posicionar sepulturas, localizar palácios e até mesmo cidades. As pessoas comuns seguiram o exemplo, na construção de suas casas e sepulturas. Os princípios básicos do *fengshui* foram amplamente difundidos, viver em paz, bem-estar familiar e evitar infortúnios, como doenças e acidentes pessoais (WONG, 1996).

Ficou perdida por longo tempo, em função da política e recuperou-se na dinastia *Song* (960 – 1279) e teve grande ascensão nas dinastias de *Yuan* (1271 - 1368) e *Ming* (1368 – 1644) (BRUNN, 2011). No período da implantação da República Popular da China (1949), houve grande perseguição, realizada pela Guarda Vermelha durante a Revolução Cultural, aos cultos religiosos, às superstições e aos rituais. A proibição retorna e novamente a prática ocorre de forma oculta (BRUNN, 2011). Impedido durante as fases iniciais do regime comunista na China, o *fengshui* ficou relegado à clandestinidade, mantendo-se popular em comunidades chinesas e em outros lugares como o Leste e Sudeste da Ásia, retornando gradativamente ao longo do tempo e conquistando a cultura ocidental como um guia para a organização do espaço doméstico (NOVE COMENTÁRIOS DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS, 2014).

3.5 Abordagem ocidental do *fengshui.*

Conforme Ole Bruun (*Fengshui in China*, 2011) o primeiro contato dos europeus com esta técnica ocorreu na metade do século XIX. Traduzido como geomancia que é uma técnica de adivinhação baseada na observação de padrões formados por pedras ou terras atiradas em uma superfície, segundo o dicionário online de português, foi o termo que mais se aproximou, contudo distorce o sentido do *fengshui* (BRUUN, 2011).

O interesse das Ciências Sociais na técnica, levou pesquisadores à China para investigar e descrever o *fengshui,* como ocorreu na antropologia. Na arquitetura, o interesse se ampliou com o surgimento da fenomenologia, quando os arquitetos passam a considerar o intangível nos lugares e nas obras (REIS, 2017).

Renata P. Sigolo e Luís Fernando B. Junqueira na obra *Entre agulhas e mãos*: *a "medicina chinesa" no Brasil na década de 1970* (2021), explicam o contexto social que o Brasil atravessava para acolher esse tratamento alternativo. Foi durante a década de 1970, como forma de resistência aos valores estadunidenses dos padrões

de consumo, reducionismo científico, materialismo, que surgiu o movimento da contracultura. Este movimento redefiniu novos paradigmas sobre a relação com a natureza, de integração e não mais de exploração. Apesar de ter chegado ao país no início do século XX com a imigração dos japoneses, a medicina chinesa, com foco na acupuntura, disseminou-se posteriormente, no contexto da contracultura. Inicialmente era reservada para a comunidade, pois reconheciam o receio de não ser aceito pelos brasileiros (SIGOLO, 2021).

No início, a prática da acupuntura sofreu punições pelo conselho federal de medicina, por se tratar de um tratamento heterodoxo. Em 1976 houve um reconhecimento e aproximação com a biomedicina e progressivamente foi ocupando espaço até ser introduzido no serviço público (SIGOLO, 2021).

Há uma analogia entre a acupuntura e o *fengshui* (ROSSBACH, 1997, p. 45) pois possuem os mesmos princípios e frequentemente são comparados, as agulhas da acupuntura são usadas para ativar ou equilibrar a energia *qi* do organismo, o *fengshui* procura fazer o mesmo em relação à terra. O conhecimento de anatomia humana é importante para a acupuntura, assim como a geomorfologia é importante para o *fengshui,* em muitas situações a analogia está presente (ROSSBACH, 1997).

Alfred B. Hwangbo (2010) em seu artigo esclarece que não há nenhum conhecimento equivalente ao *fengshui* no ocidente, daí a dificuldade em compreender sem um estudo mais profundo, é conhecido como uma tradição antiga, mas sem a historicidade a prática se torna automatizada, superficial. (HWANGBO, 2010).

Popularizou-se como guia de decoração para interiores no ocidente, prometendo harmonização da energia no interior dos lares. Apesar de ser apenas um fragmento da técnica de *fengshui,* este guia de decoração foi uma forma de divulgar este conhecimento, despertando em algumas pessoas a curiosidade de conhecer mais profundamente esta técnica milenar chinesa (ROSSBACH 1997, p.22).

3.6 Geografia Cultural e a Paisagem

A categoria paisagem foi eleita para o desenvolvimento dos estudos sobre *fengshui* por despertar os nossos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) através da percepção do cenário, e basicamente o *fengshui* se inscreveu no contexto

de análise de uma determinada paisagem. O *fengshui* é intrínseco à paisagem: "...Mas poder e boa fortuna provinham inicialmente da paisagem." (ROSSBACH, 1998 p. 31).

A paisagem é uma categoria de análise que esteve presente na Geografia, sofrendo influência conforme o ramo filosófico e científico, ao longo dos séculos XIX e XX. As primeiras noções de paisagem surgiram com as representações de pinturas rupestres, nas quais os homens primitivos retratavam o meio onde viviam (MAXIMIANO, 2004).

No período do Renascimento, através de pintores e artistas com suas técnicas de pintura em perspectiva, nasce o conceito de paisagem. Com o surgimento de novas técnicas de pintura e novas escolas de artes que se espalharam pela Europa, o conceito de paisagem foi se aprimorando ao longo do tempo (MARANDOLA, 2018).

Paul Claval fez um estudo sobre a paisagem partindo das principais escolas europeias e americana, indicando as modificações do conceito conforme a linha de pensamento de cada escola. Na escola alemã, Claval entende que a Geografia Cultural surgiu da necessidade de compreensão dos fenômenos e dentre eles o uso da categoria de paisagem. Cita Ratzel que elabora a Geografia Cultural, seguindo as ideias de Humboldt e Ritter (CLAVAL, 2001, p.21). A cultura é analisada sob o aspecto material pois vincula os artefatos utilizados para o aproveitamento do meio e o desenvolvimento de técnicas para a mesma finalidade.

Segundo Claval, Otto Schlüter considera a paisagem como objeto de estudo da Geografia Humana. Faz estudos de estabelecimentos humanos (casas, campos, cercados, etc.). A paisagem é modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pelo homem e procura compreender a gênese da paisagem cultural singular de cada grupo humano (CLAVAL, 2001, p. 24).

Claval também menciona Meitzen que relacionava a conformação da paisagem com a cultura do povo; Eduard Hahn, acredita na paisagem de traços de origem cultural, na transmissão de valores e técnicas (CLAVAL, 2001 p. 25, 27). Siegfried Passarge que descreve a paisagem como: "o conjunto daquilo que o olho pode abarcar" (CLAVAL, 2001, p. 29). Em geral a escola alemã segue a linha da antropogeografia com influência darwinista.

Na escola americana (Berkeley), a Geografia Cultural é organizada por Carl Ortwin Sauer e ficou conhecida como a escola de Berkeley. A Geografia Cultural era

confundida com a Geografia Humana nos Estados Unidos e Sauer critica os que ignoram as dimensões sociais e psicológicas da cultura. Faz aproximações com os antropólogos e ecologistas. Dirige atenção especial às plantas e animais, preza pelo equilíbrio para não conduzir a catástrofes ecológicas (CLAVAL, 2001 p. 30).

Sauer viveu num período de contrastes de ideias, início do século XX, por isso seus pensamentos eram ambíguos, ao mesmo tempo que elogiava o positivismo, admitia que há um caráter subjetivo na paisagem. A ideia do supraorgânico na cultura, que apesar de ser externo ao indivíduo, controlava suas ações, ou seja, havia uma configuração cultural e singular, comum a todos os indivíduos do grupo, que se expressava na produção da paisagem (NAME, 2010).

Os trabalhos da escola de Berkeley têm significação devido à dedicação aos grupos de etnólogos que estudam povos, etnias e suas culturas. Permanecem atuais devido à preocupação ecológica (CLAVAL, 2001, p. 32). Em síntese, a escola americana faz uma relação entre o meio e a cultura e ressalta uma inquietação sobre o equilíbrio ecológico.

Na escola francesa, Claval faz referência aos destacados autores de seu país, como Paul Vidal de La Blache, que apresenta influência alemã em seus trabalhos. La Blache retoma influência do meio sobre a sociedade. Considera a cultura como os instrumentos que a sociedade utiliza para transformar o meio: "...a cultura pertinente é aquela que se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam." (CLAVAL, 2001, p. 33).

La Blache entende que a cultura é um elemento que se interpõe entre o homem e a paisagem, modificando-a, 'humanizando-a': "...aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens" (CLAVAL, 2001, p.35).

Para Jean Brunhes, o estudo do homem e seu meio, suas técnicas, as formas de pensar deveriam ser tomadas como uma totalidade-complexa. Utilizando metodologicamente o "princípio de atividade" e o "princípio de conexão", Brunhes toma uma postura dinâmica, interdisciplinar e integral de ciência. Em suas pesquisas trabalha com recursos como fotografia aérea – priorizando o estudo dos fatos geográficos com especial atenção ao "lugar". A terra é vista pelo autor como uma totalidade natural e social em constante dinâmica, com interconexões que se apresentam no fenômeno e fatos geográficos. (DE BRITO NUNES; AMORIM, 2020).

Pierre Deffontaines através da coleção Gallimard de Geografia Humana, introduz novos temas na França. No início foi assistente de Brunhes, pesquisando sobre as questões dos gêneros de vida. Além da cultura e etnia, estudou sobre os meios utilizados pelo homem para lidar com certos tipos de ambientes e sobre plantas cultivadas – agricultura (CLAVAL, 2001, p. 38).

Os trabalhos sobre as estruturas agrárias também provocaram impacto na compreensão da paisagem. No início em vários trabalhos dos geógrafos ainda não apareciam associadas as formas de habitat com regiões rurais. A partir dos trabalhos de Marc Bloch, historiador e aluno de La Blache, os estudos dos sistemas agrários tiveram como fundamento a história agrária francesa e sua regionalização, buscando compreender a gênese e caracterização das paisagens agrárias. (CLAVAL, 2001, p. 39).

O estudo da paisagem do ponto de vista tradicional na Geografia Cultural, perdurou até a década de 1940, cuja discussão é revitalizada a partir de novos conceitos introduzidos pela corrente humanista em meados de 1970 (RISSO, 2008). No período pós guerra até os anos 70 e 80, a Geografia Quantitativa ocupou boa parte da produção acadêmica, baseada na lógica sistêmica e tecnologias computacionais, esteve presente em definir a organização do espaço e sua funcionalidade para dar conta de projetos de planejamento engajados na perspectiva do desenvolvimento econômico. (BARBOSA, 2006)

A Geografia Crítica, assentada no materialismo histórico/dialético, construiu uma geografia moderna adaptada às novas realidades urbanas e rurais, ressaltando as contradições do modo capitalista e suas desigualdades. As demandas dos movimentos sociais rurais, o planejamento urbano, a justiça social, se tornaram alguns dos temas importantes no debate acadêmico. O geógrafo Yves Lacoste, volta a destacar o debate sobre a paisagem a partir do lançamento da revista Hérodote, em 1970, influenciando a produção acadêmica sobre o tema, mesmo entre outros geógrafos de filiação teórica marxista. (NAME, 2010).

Na década de 1970 e 1980, a Geografia Humanista recupera o sentido dos lugares, da paisagem e das territorialidades, considerando os aspectos objetivos/subjetivos da experiência vivida, dos fenômenos da vida cotidiana. A relação cultura e natureza, em sua diversidade e diferentes escalas, expressa o ser-estar do homem no mundo (MARANDOLA, 2014).

A Geografia Cultural não desapareceu, a atenção dos geógrafos se desvia dos objetos técnicos para as representações. Nesse contexto a paisagem simbólica, impregnada de sentimentos e valores, torna-se primordial nas discussões, levando os estudos desta categoria a outro patamar (RISSO, 2008).

O retorno da Geografia Cultural ocorre com modificações em sua essência:

> A paisagem cultural, nesses estudos, perde um pouco de seu caráter estritamente material (cultura como marcas do ser humano no espaço) e vai pouco a pouco sendo analisada como valor simbólico, artístico ou moral (cultura como expressão da mente humana, de um pequeno grupo ou de um único indivíduo). (NAME, 2010, p. 173).

Em 1952 Éric Dardel publica *'O homem e a terra, natureza da realidade geográfica*', parte da análise da necessidade de dar um sentido à sua existência e ao mundo no qual vivem, se interrogam sobre as razões de sua presença na Terra (CLAVAL, 2001, p. 53).

Denis Crosgrove na Inglaterra e James Duncan nos Estados Unidos se interessam pelas representações:

> O que procuram compreender é a interpretação simbólica que os grupos e as classes sociais dão ao ambiente, as justificativas estéticas ou ideológicas que propõem e o impacto das representações sobre a vida coletiva. (CLAVAL, 2001, p. 56).

A renovação da Geografia Cultural na França ocorreu de forma a não romper com os trabalhos desenvolvidos até então, mas sim, de enriquecê-los.

Armand Frémont em 1970, faz um trabalho de percepção dos espaços e da importância dos testemunhos literários. Joël Bonnemaison, explora a mitologia dos habitantes da ilha Vanuatu para compreender a ocupação e a estruturação do território. Roger, Pitte, Mondada, descrevem as paixões e os gostos das pessoas. Tomando uma dimensão etnogeográfica Claval e Singaravélou em 1995, consideram as diferentes culturas e seus modos de reproduzirem o mundo e a natureza (CLAVAL, 2001).

Raison, Badie, Piveteau, questionam sobre as mudanças de atitudes em relação à cultura, a natureza das identidades e da relação com o território (CLAVAL, 2001).

Collot e Relph ampliam o universo subjetivo, relacionando a afetividade, as experiências, a vivência e os valores simbólicos à paisagem (RISSO, 2008).

Claval disserta sobre a Geografia Cultural no Brasil, afirmando que antes dos anos 1990 era tímida, com influência francesa de Pierre Deffontaines e do brasileiro

Alberto Ribeiro Lamego. Menciona que nos anos 1980, a Unesp de Rio Claro através das professoras Lívia de Oliveira e Lucy Machado, que introduziram a fenomenologia na Geografia com a tradução das obras de Yi-Fu Tuan. Lívia de Oliveira representa importante geógrafa na retomada da Geografia Humanista no Brasil sintetizada no livro *Percepção do Meio Ambiente e Geografia,* juntamente com Werther Holzer (Universidade Federal Fluminense), foi líder do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) formado em 2008 (OLIVEIRA, 2017).

E foi nos anos de 1990 que a Geografia Cultural se consolidou com a criação da NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Espaço e Cultura) pelos professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa no departamento de geografia da UERJ (CLAVAL, 2012). Através destes pesquisadores, os geógrafos brasileiros entraram em contato com o movimento que ocorre internacionalmente nesse campo da geografia.

4 CAPÍTULO 3: A VISÃO DA PAISAGEM ATRAVÉS DO *FENGSHUI.*

O Mestre disse: “Aprender algo e depois poder praticá-lo com regularidade, isso não é um contentamento? Se amigos vêm de lugares distantes, isso também não é uma alegria? Se as pessoas não reconhecem [meu valor], e eu, apesar disso, não sinto rancor, isso também não é [característica] do Homem Nobre?
(Confúcio - Analectos 1.1)

PAISAGEM ORIENTAL

Figura 12 Paisagem Oriental

Fonte:https://aidobonsai.files.wordpress.com/2013/04/625625_397851466979370_536679069_n.jpg
Acesso:30/10/22.

CAPÍTULO 3 - A visão da paisagem através do *fengshui:* contribuições de Augustin Berque e Yi-Fu Tuan

4.1 Augustin Berque – o *fengshui* e a Geografia

O conceito de paisagem elaborado por Augustin Berque inova os conceitos tradicionais até então existentes na Geografia, não obstante de já haver movimentos seguindo em direção de uma compreensão humanista sobre os ambientes, Berque constrói uma sistematização e estrutura histórica para embasar o conceito e trazer neologismos para expressar seus pensamentos. Essa renovação epistemológica foi possível graças à comparação que realizou entre as concepções oriental e ocidental de paisagem, feito inédito na disciplina o que despertou o interesse de muitos estudiosos.

É um geógrafo francês e orientalista, estudou a Geografia sob a ótica chinesa e japonesa, é um autor de especial importância para esta pesquisa. Por ser um pesquisador ocidental de renome, o seu ponto de vista da cultura oriental e suas observações sobre o *fengshui* representam o reconhecimento desta técnica como referência para a Geografia.

Yanci Ladeira Maria (2010) elaborou uma dissertação utilizando Berque como autor principal, elucidou suas teorias e pensamentos, apresentando um novo viés para interpretar a paisagem. Estudou a biografia de Berque para compreender a motivação que o levou a buscar o pensamento oriental e descobre que seu pai foi o grande incentivador. Berque nasceu em Marrocos em 1942, seu pai foi antropólogo e sociólogo, especialista do mundo árabe: Jacques Berque, traduziu o Corão e viveram no Magreb (MARIA, 2010).

Impedido de ir à China devido à revolução cultural maoísta, Berque vai ao Japão onde realiza suas pesquisas. No Japão faz leitura crítica dos filósofos Watsuji Tetsurô e Kitaro Nishida que influenciaram, em certa medida, seus pensamentos. Atualmente é diretor de estudos da École Des Hautes Études En Sciences Sociales (EHESS) e também lecionou na Universidade de Miyagi no Japão (HOLZER, 2004).

Na análise do livro *Thinking through landscape* (2013), Berque revela o seu desconforto com as teorias de paisagens decorrentes da cultura ocidental e o

relacionamento com o meio ambiente. Em sua pesquisa, na busca de origens conceituais, depara com a cultura oriental e descobre o *fengshui*, descrevendo e explicando a sua existência.

Berque elege a categoria ‘paisagem’ para servir como base e direcionar seus estudos fazendo uma busca histórica para compreender epistemologias e outros sentidos na qualificação da paisagem que fora descrita e pesquisada por tantos autores ocidentais, principalmente alemães, franceses e ingleses.

Remonta ao século XIV fazendo referência a Petrarca (*Reflexões no Mont Ventoux*, 1336) que descreve os elementos do ambiente natural compondo o que seria chamado de paisagem posteriormente. Faz reflexões filosóficas, condenando a apreciação da beleza da paisagem (foris) para se voltar ao interior de si (intus) e deparar com a consciência habitada por Deus, a ortodoxia cristã impediu por muito tempo a contemplação da natureza. Neste mesmo período na Itália o pintor Ambrogio Lorenzetti (1340) realizou a obra *Os efeitos do Bom Governo no Campo em Siena*. Há um certo impasse para definir a origem do termo, mas o Renascimento torna-se o marco para a existência do conceito de paisagem (BERQUE, 2013).

Para Berque a distinção entre o pensamento da paisagem e sua existência deve ser clara. As palavras traduzem o pensamento sobre a paisagem, as palavras são importantes para podermos discutir e refletir e teorizar o conceito da paisagem que difere do objeto embora ambos façam referência sobre o mesmo tema. Nesse sentido, diferencia a *noema* da *noese* (BERQUE, 2013, p.3), ou seja, na filosofia a *noema* se refere ao objeto e a *noese* seria o próprio pensamento, ou a intenção. Por conseguinte, Berque confirma o pensamento de Husserl acerca da intencionalidade da consciência sobre o objeto, para construir o conhecimento, a teoria e o conceito (BERQUE, 2013).

O pensamento paisageiro traduz a relação entre o homem e a terra e é anterior à definição de paisagem, houve muitas civilizações que não possuíam a palavra paisagem ou algo similar, entretanto o pensamento paisageiro estava presente e a evidência está nas belíssimas paisagens construídas e deixadas por esses antigos povos (MARANDOLA, 2018).

Berque observa que houve belas reproduções de paisagens mesmo antes do surgimento da teoria de paisagem, citando exemplos como: o Mont Saint-Michel, Vézelay, Roussillon, os vinhedos da Borgonha, Rocamadour, nesses casos, seria o

pensamento paisageiro (BERQUE, 2013, p.3). Faz um paralelo com os dias atuais, na qual existem muitas teorias, discussões, publicações sobre as paisagens, contudo ela está sendo devastada.

A preocupação sobre o pensamento paisageiro e sobre a sua conceituação envolve a falta de harmonia das construções, das obras e do relacionamento da arquitetura com a paisagem, comparando com o período na qual não havia teoria sobre a paisagem e não havia a arquitetura consolidada, as reproduções nesta época, nas duas áreas, eram respeitosas e esplêndidas. A questão de não pensar em paisagismo ou criar paisagens harmoniosas, traz uma resposta complexa, na qual Berque conclui que tudo isso é resultado de um intrincado de peças e dentre elas está o nosso próprio comportamento (BERQUE, 2013).

Esta direção errada, resultaria na insustentabilidade da nossa maneira de pensar e agir na Terra e a paisagem é o reflexo das nossas atitudes. Fazer um retrocesso na história para compreender a paisagem como pensamento, elucida o nosso relacionamento com o ambiente. Berque apela para que repensemos os valores, o modo de vida para não assistir ao declínio da humanidade.

Seguindo na mesma linha de pensamento, Alberto Acosta[6], condena a acumulação de bens, reconhecido como progresso pelo estilo de vida antropocêntrico que tende a colapsar os recursos finitos da natureza. Reconhece que esse discurso não requer a negação da ciência, ironizando grupos que regressam incondicionalmente às antigas teorias, desconsiderando totalmente as descobertas relevantes da ciência (ACOSTA, 2012). Este cenário de destruição e degradação já chamou a atenção de cientistas e ambientalistas que desde meados do século XX promovem encontros e discussões para ressaltar o problema e encontrar soluções, porém esbarra na resistência de alguns países.

Berque busca na história antiga o entendimento da natureza, recorrendo aos mitos relacionados com a caverna, descreve um paralelo entre os mitos oriental e ocidental. O ‘espírito vital’, *qi* para os chineses têm origem na caverna de *Xiwangmu* em *Kunlun*. Na Grécia antiga, os animais e seres mitológicos habitam as cavernas e os subsolos e criaram através da mitologia a explicação do relevo, da geomorfologia, ou seja, a cosmogonia. A relevância da mitologia e da antropologia permite assimilar

[6] Alberto Acosta é economista equatoriano. Professor e pesquisador da FLACSO-Equador. Ministro das Minas e Energia jan-jun de 2007.

os elementos mitológicos e culturais de cada civilização formando um arcabouço ontológico. (BERQUE, 2013, p.23)

Faz um estudo da etimologia para descobrir o significado e a origem dos termos e sua relação com os elementos e realiza uma pesquisa do sentido da palavra ‘physis’(grega), sua raiz e seus vários significados anteriores ao da ‘natureza’. E no século VI a.C , há uma separação entre os fenômenos da natureza e da mitologia, segundo a escola jônica e uma ascensão do sentido de ‘physis’ para a ciência da natureza e desta para a física. Esta constatação marca a evolução nos estudos da física nas civilizações na qual este pensamento foi incorporado e explica o panorama atual dos desenvolvimentos tecnológicos, que presenciamos, suas implicações, seus valores e comprometimento econômico e social das nações. Berque cita Asano Yuichi que mostra o fato da China realizar a separação de forma incompleta, sugerindo por esta razão que a física moderna não teria condições de surgir ali. Mantiveram características divinas, resultantes das crenças religiosas imbricadas com a natureza (BERQUE, 2013).

Esta separação criou uma dicotomia entre homem e natureza, que dividiu sob o ponto de vista subjetivo, centrado no homem e na outra parte, sob o ponto de vista do objeto, centrado na natureza. Essa dicotomia se formalizou no século XVII, com o racionalismo cartesiano, surgindo ontologicamente a física moderna. (BERQUE, 2013).

Procurando compreender as motivações dos ideais da dualidade, Keith Thomas[7] investigou na história ocidental os fatos que levaram a esse rompimento com a natureza e revela nos fundamentos da religião cristã, que o mundo se subordina aos objetivos do homem e que este deve dominar a natureza. Este raciocínio, destaca o ser humano do meio ambiente, tornando-o especial e revestido de autoridade para manipular a natureza em favor de seus interesses (THOMAS, 2010).

Neste mesmo século (XVII), surge na Europa o conceito moderno do pensamento ocidental: o CMWP – o clássico moderno paradigma ocidental (sigla em inglês). Após fazer um estudo da mitologia grega para definir a natureza, Berque entende que o antropocentrismo ocidental desconsidera qualquer outro pensamento

[7] Keith Thomas é historiador inglês, formado pela Universidade de Oxford.

sobre natureza, faz menção ao cosmocídio, etnocentrismo e neste pensamento a natureza se caracteriza como objeto (BERQUE, 2013).

Desse modo, procura investigar a origem do conceito de paisagem que surgiu na China. Entre os vários termos de paisagem em chinês, o mais recorrente é *shanshui,* segundo estudos filológicos conduzidos por Goto Akinobu. Formado por dois sinogramas: *shan* (montanha) e *shui* (água) ou riacho de água, ou ainda, água da montanha, esta palavra é impregnada de valores e foi utilizada da dinastia Qin em diante. (BERQUE, 2013, p.29)

Berque propôs cinco critérios para definir as civilizações que possuíam o conceito de paisagem:

4.1.1 - Uso de uma ou mais palavra para significar paisagem;

4.1.2 - Literatura oral ou escrita, descrevendo paisagens, ou apreciando belezas;3 - Representações pictóricas de paisagens;

4 - Arquitetura projetada para apreciar belas vistas;

5 - Jardins ornamentais.

A maioria das civilizações apresentaram dois ou três critérios, apenas duas culturas apresentaram todos os critérios e entre elas está a China, no século IV e mil e duzentos anos depois, a Europa no século XVI (BERQUE, 2013).

Atribui à festa folclórica do Japão que ocorre no dia 3 de março (*hina matsuri*- festa das meninas) o surgimento do conceito de paisagem neste país, uma vez que relaciona a evasão de espíritos malignos na imagem da boneca que é colocada à deriva no rio (*nagashi bina*) (BERQUE, 2013, p.33).

Cita Yolaine Escande[8] que considera a versão material e espiritual da paisagem e na ambivalência de Zong Bing[9]. O que importa aqui é o princípio em questão, a paisagem tem dois lados, um pertencente ao reino do material e substâncias visíveis, a outra para relações imateriais e invisíveis (espiritual). A paisagem tem simultaneamente a existência física, o que não pressupõe a existência humana e uma presença para o espírito humano, o que pressupõem necessariamente uma história e uma cultura (BERQUE, 2013, p.44).

[8] Yolaine Escande escreve "*Montagnes et eaux: La culture du shanshui, 2005"* (Montanha e água: A cultura do *shanshui, 2005*).

[9] Zong Bing (375~444) foi um artista e músico chinês que escreveu o primeiro texto sobre pintura de paisagem.

Esta inter-relação sobre a paisagem física e a presença humana com suas interferências, é para Watsuji Tetsuro uma pré-condição natural, antes do surgimento de qualquer conceito e vai nomear de *'aidagara'* que está ligado ao ser humano no aspecto de sua relacionalidade com outros, com a família, com a sociedade e também com o meio. Berque vai compreender este conceito e perceber que existe um cunho geográfico profundo apesar de não ter sido a intenção de Watsuji (DAL GALLO, 2014).

Para expressar parte deste conceito (*aidagara*), Berque utiliza a palavra trajeção, que seria o movimento entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. (MARIA, 2010). Seria portanto, a relacionalidade do ser humano com o seu meio. O sentido do 'meio' ou '*milieu*' tem uma conotação profunda e Berque traz este sentido pela definição de *fûdo* elaborada por Watsuji, que contrapondo à proposta de Heidegger sobre a existência humana, acredita que os fatores climáticos e geográficos também afetam o indivíduo (WATSUJI, 2016). Enfim, o meio ou *'milieu*' seria o conjunto dos aspectos físicos e sociais do lugar.

A partir de *fûdo,* Watsuji desdobra o termo para *fûdosei* que Berque traduz para *mèdiance* e implica em esclarecer enfaticamente a conexão do homem com a natureza, pois o homem é formado por dois corpos: corpo animal e ambiental, isto é, para o indivíduo se sentir completo depende do meio ambiente (DAL GALLO, 2014).

Berque conceitua a relação da paisagem com a sociedade em paisagem-marca e paisagem-matriz. Paisagem-marca é resultado de uma civilização e paisagem-matriz é a percepção, ação e a relação cultural de uma sociedade com o seu espaço ecúmeno. A paisagem-marca e a paisagem-matriz só fazem sentido quando analisadas sob um conjunto de pessoas ou sociedade e não sobre um indivíduo (HOLZER, 2004).

Berque questiona a perda do sentido profundo da paisagem pelas sociedades modernas e a produção de obras sem harmonia e muito feias. Existe o argumento de que há o desconhecimento e de que algum dia, acharemos essas obras lindas. Entretanto, Berque discorda desse argumento e coloca que há uma busca das pessoas por um certo sentido de paisagem com senso comum de beleza. Isto explica a expansão urbana e o incremento do turismo dos países ricos onde as pessoas vão em busca de belas paisagens (HOLZER, 2004).

Expõe a contradição de apreciar, falar e pensar a paisagem por um lado, e por outro lado desenvolver ações cotidianas que destroem o meio ambiente. Este comportamento contraditório entre o pensamento e as ações, ocorreu durante seis dinastias na China e na Europa, desde o Renascimento (HOLZER, 2004).

Berque acredita que esta relação paradoxal, ou seja, pensar e apreciar a paisagem e agir danificando-a, surge a partir da criação do conceito de paisagem e a serpente mítica de Ouroboros que engole a própria cauda, ou seja, indicando a própria destruição, serve como representação nessa relação com a paisagem. Instiga o dogmatismo elitista sobre as formas que destroem a paisagem, a adoção das classes inferiores desta linha estética e a sua difusão. Por outro lado, também condena o individualismo moderno que consome a paisagem em seu benefício exclusivo, sem considerar os aspectos sociais e ambientais (HOLZER, 2004).

Faz referência ao paradigma ocidental moderno (CMWP) que não coaduna com a paisagem por ser geométrico, mecânico, puramente quantitativo. A cosmologia newtoniana é oposta à percepção da paisagem pelos sentidos que abrange o visível e o invisível. Dessa forma, entende que o paradigma moderno ocidental nega toda a possibilidade do mundo no sentido do cosmos e torna o ambiente humano um objeto neutro, abstraído da nossa existência. Porém sendo a existência humana um fato, a tendência de re-cosmizá-lo existe e é um paradoxo:

> Fundamentalmente, em seu próprio princípio, o CMWP reconhece apenas o universo objetivo (um objeto que existe em si, sem qualquer ligação com a nossa própria existência), que é geométrico, mecânico, puramente quantitativo e portanto totalmente neutro: o oposto perfeito de uma paisagem. (BERQUE, 2013, p. 51).

Berque expõe a intransigência da racionalidade ocidental em lidar com a paisagem repercutindo nas perdas das relações sensíveis e intangíveis, resultando em prejuízo à paisagem, num tempo imediato, e ao próprio ser, num tempo futuro.

4.2 Augustin Berque – a paisagem e o *fengshui*

O pensamento de Berque acerca da paisagem, introduz ao princípio do *fengshui* e sua relação com o meio. Como vimos nos capítulos anteriores, o *fengshui* é uma técnica complexa oriental para a escolha de locais com bom *qi*.

Na China a natureza e a paisagem nunca perderam o sentido religioso, diferentemente do pensamento ocidental que aboliu o sentido místico para justificar a racionalidade. Berque acredita que essa foi a razão da física moderna não ter se originado lá, pois a física requer uma linha de pensamento estritamente racional, na China, o pensamento sobre a paisagem foi mantido sob cuidados de *fengshui* particular (BERQUE, 2013).

Berque procura explicar o *fengshui* como um regulador de habitats dos vivos e também dos mortos e sua relação com a energia cósmica, o *qi*:

> *Fengshui* é um conjunto de regras relativas à localização e gestão dos habitats dos vivos e dos mortos, ou em vez disso, na ordem inversa – os mortos e os vivos – com base na ideia de que um espírito vital, o qi, não apenas viaja entre os seres vivos, mas pela terra antes de tudo. É por isso que o termo é traduzido por geomancia, mas essa palavra transmite mal a integração personagem, o personagem modelador do mundo (cosmização) do *fengshui.*(BERQUE, 2013, p.50).

Da relação dos restos mortais dos antepassados à vida dos descendentes, faz manter viva a reverência e a importância em localizar um bom lugar para os cemitérios e preservar a boa influência dos antepassados:

> O *fengshui* funciona como uma cosmologia ativa dando sentido, ordem e unidade no mundo chinês no espaço e no tempo. Aplicado em particular ao habitat dos mortos ‘a casa das sombras’ (yinzhai) é inseparável do culto dos ancestrais e da noção corolária de que o espírito vindo da tumba influencia o destino dos vivos no presente e no futuro, o que chamamos de ‘gerações futuras’. O futuro e o passado tornam-se assim contínuos, na moralidade presente, e isto concretamente: no espaço também, os detalhes do *fengshui* em nível doméstico são harmoniosamente envolvidos para regular a paisagem a nível local e regional e de lá para todo o território (BERQUE, 2013, p. 50).

Inclui também a medicina tradicional que faz parte das tradições e possui o mesmo princípio do *fengshui*:

> Nessa visão orgânica do universo, a imagem-paisagem é, portanto, apenas uma certa modalidade da paisagem em tamanho natural, que além disso interpreta e regula o fengshui ("vento-água") - a arte de dispor adequadamente túmulos, casas e cidades gerenciando harmoniosamente a circulação do *qi*. A medicina também não visa outra coisa; a acupuntura em particular é baseada no mesmo princípio do *fengshui* e do *shanshui.* (BERQUE, 1994, p. 21).

O *fengshui* não deve ser elevado à qualidade da física, segundo Berque, ninguém conseguiu decifrar o *qi*, foi proscrito durante o regime maoísta e

considerado superstição, traz indiscutivelmente harmonia entre as construções e o meio ambiente, resultando em perfeito movimento trajetivo.

Berque realiza uma recuperação de artigos sobre *fengshui* de autores chineses e japonês que expõem os vários aspectos da técnica desde sua aplicação, até a inquietação referente à superstição, questão muito intensa na atualidade.

No primeiro artigo intitulado: *"O que os provérbios nos dizem sobre as crenças ecológicas ligadas às casas do sul da China"* apesar do autor Lü Hongnian[10] não mencionar o *fengshui,* o propósito é facilmente identificado. Após expor alguns provérbios, chegou-se à conclusão que existe uma relação entre o habitat e o habitante. Em um determinado caso, o autor descreve um provérbio: 'não mexer na cabeça de *Grandge' (Taisuì*) que significa Júpiter, mais conhecido como a 'estrela de madeira' (*Mùxing* 木星) que equivale a 'não irrite a fada' ou 'não acorde o gato adormecido' neste caso o ditado foi muito preciso pois o local apresentava grande quantidade de fungos que deixam as terras muito soltas tornando-as imprópria para construção (BERQUE, 1999).

Quanto aos pontos cardeais, no hemisfério norte, a direção norte é o ponto onde recebe menor insolação e tem sido associado à morte. Na China a ordem dos pontos cardeais é E-W-S-N diferente da Europa: N-S-E-W. O sinograma leste (*dông* 東) representa o sol nascendo atrás de uma árvore, todos os seres se movem e passam a viver; oeste (xî 西) significa o ninho onde o pássaro retorna ao pôr do sol, que possui o sentido de aninhar; sul (*nán* 南) derivado do caractere de árvore (木) significa que as plantas em busca de luz, se voltam para o sul; norte (*bêi* 北) deriva de um pictograma que representa duas pessoas de costas e significa que as casas e em especial os palácios, ficam voltadas para o sul, de costas para o norte (BERQUE, 1999).

Outro provérbio interessante é 'a pedra do Monte *Tai* assume seu papel' (*Tàishân shí gân dâng* 泰山 石 敢当) que significa resistir à má sorte. O monte *Tai*, assim como outras montanhas sagradas, tem um valor atribuído pelo Taoísmo e por consequência a crença na proteção divina é evidente. (BERQUE, 1999)

[10] Lü Hongnian é professor do departamento de literatura chinesa da Universidade Hangzhou.

Demais provérbios são decifrados revelando a riqueza da manifestação da cultura popular. No artigo seguinte: *"Os encantos da ecomancia chinesa"* Berque descreve o encantamento do autor Li Xingcan[11] em relação ao *fengshui* que o considera como um respeitado conhecimento (*xuéwèn* 学問) que tem um sentido diferente de "ciência" acadêmica (*kêxué* 科学). Conclui-se que a mesologia do ecúmeno não pode ser considerada banal (BEREQUE, 1999).

Li ressalta a onipresença do *fengshui* em todas as áreas e salienta o aspecto supersticioso que desperta críticas. No ocidente, o *fengshui* tornou-se moda devido à sua fama de proteger os ambientes e tem o objetivo de buscar harmonia entre o homem e a natureza. Partindo do princípio que o Um é um fato supremo e se divide em *yin* e *yang*, o Dois, que se interagem e interpenetram e formam o "sopro da harmonia mediana" (*zhônghé de qi* 中和 的気) o *fengshui* procura respeitar a circulação do *qi* 気 e manter esta inter-relação (BERQUE, 1999).

Quando não é possível encontrar locais auspiciosos, o *fengshui* permite 'correções' ou 'alívios' para adequar ou mitigar a imperfeição do local através de artifícios que simulem os elementos que deveriam estar presentes. O que está em risco não é somente a felicidade desta geração de pessoas, mas também dos descendentes. Para Berque, fica evidente que o *fengshui* trata da trajetividade, ilustrando a trajetória do nosso relacionamento com o meio (BERQUE, 1999).

Para Li, o local ideal deveria ter à esquerda (leste) um riacho que é chamado de dragão verde-azulado (qîng lóng 青龍), à direita, um longo caminho que é chamado de tigre branco (bài hû 白虎), em frente, uma lagoa estagnada que é chamada de fênix vermelha (zhû qué 朱雀) e atrás uma colina que é chamada de guerreiro das trevas (xuán wû 玄武). Estes seriam os elementos presentes para localizar uma construção com *fengshui* ideal. Faz advertências sobre os componentes que devem ser evitados para evitar infortúnios, como por exemplo, ter montanhas muito próximas ou poço perto da entrada da casa e apresenta cinco critérios que deveriam ser encontrados no local para certificar a correta seleção. (BERQUE, 1999).

[11] Li Xingcan é funcionário encarregado da proteção ambiental da província de Zhejiang.

O autor acredita que o *fengshui* é uma forma de solucionar os problemas ambientais modernos e que isso atrai o interesse das pessoas de outros países e também desperta o encanto desta ecomancia chinesa (*Zhônguó fêngshûi* 中国风水) (BERQUE, 1999).

No terceiro artigo "*A moda atual do fengshui no Japão e o pensamento ambiental*" de Nakaô Katsumi[12], alega que o aumento das pesquisas sobre o *fengshui* (pronunciada fûsui em japonês) ocorreu na década de 90. Após a morte de Mao Zedong, o *fengshui* se espalhou por todo Leste e Sudeste Asiático e inclusive no Ocidente. O autor ressalta que mesmo nos centros formais de educação o interesse dos alunos recai sobre a parte supersticiosa e não sobre o fenômeno cultural. Lembra que o modismo no ocidente ocorreu devido à reputação do *fengshui* como protetor do meio ambiente se opondo ao paradigma vigente que o degradou, manifestando no Leste Asiático a reavaliação e a revalorização do pensamento tradicional que propõe a harmonia entre o homem e a natureza (BERQUE, 1999).

No Japão a prática é antiga e o planejamento de algumas capitais foram baseadas no *fengshui*, devido à ligação de dinastias reinantes essas informações ficaram sob sigilo, sendo raras as documentações sobre o assunto. Na educação, como conteúdo interdisciplinar, o *fengshui* não desperta o charme que existe em outros lugares, pois o perfil místico e supersticioso não coaduna com o paradigma racionalista moderno ocidental, repelindo o interesse dos estudantes. Provoca uma situação paradoxal, atraindo a população devido ao aspecto divinatório e pesquisadores, pela riqueza cultural, misturando elementos racionais e irracionais (BERQUE, 1999).

Nakaô entende que o mesmo princípio sendo usado para a medicina corporal e na relação com o meio ambiente, traz a compreensão de que tudo se inter-relaciona e apesar de combinar elementos racionais e irracionais, este é o caminho para as questões ambientais. Berque deixa claro que os aspectos fenomenológicos do *fengshui* particulariza a técnica sendo impossível sua aplicação no Ocidente e quando isso ocorre, ele considera charlatanismo. (BERQUE, 1999)

[12] Nakaô Katsumi é antropólogo e professor assistente na Universidade Wakô (Machida, Tókio).

4.3 Yi-Fu Tuan: a paisagem e o *fengshui*

Outro importante autor que faz referência ao *fengshui* é o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Por sua origem chinesa, acredita-se ter familiaridade com o tema e que esta influência oriental tenha interferido no desenvolvimento de seus trabalhos. Considerado um dos fundadores da Geografia Humanista, suas abordagens enriquecem a disciplina, construindo pensamentos sobre uma base fenomenológica, existencialista e estruturalista.

Pádua (2013) elaborou um artigo sobre Tuan descrevendo sua biografia, suas considerações na Geografia Humanista e os autores que influenciaram seus pensamentos. Aponta também as raízes filosóficas desse autor, dividindo as fases da sua vida em períodos, que revelam a sua maturidade e resultam em novos conteúdos, novas temáticas, fazendo a análise de cada livro escrito por Tuan.

A autora expõe sobre o estruturalismo presente em trabalhos de Tuan, considerando que há uma estrutura maior com a qual todas as culturas se relacionam. Baseando-se na concepção de Lèvi-Strauss sobre o mito (*Mitológicas*, 1960), vai conceder ao mito a categoria de elemento universal da cultura e, embora existam infinitas variedades de mitos, todos têm raízes e características comuns, permitindo, desse modo, a comparação entre as culturas.

Em seu livro *Topofilia* (2012), Yi-Fu Tuan aborda a afetividade entre a pessoa e o lugar. Considerado um clássico da Geografia Humanista, essa obra passa pela percepção do homem sobre seu meio, pela cultura, pelo cosmos, ou por todos eles em contexto diferenciados. Toma o homem como parte da natureza, com suas capacidades perceptivas e intencionalidades (MARANDOLA JR., 2013).

Buscando uma perspectiva diferente na disciplina de Geografia, Tuan descreve cada sentido do ser humano para posteriormente apurar as percepções sobre os lugares, as paisagens. Cada sentido é uma via de entrada dos estímulos oferecidos pelo mundo e de acordo com o conteúdo cultural, do grau de maturidade a percepção se realiza e traz significados. Por trazer elementos diferentes da temática tradicional, causou muita estranheza entre os acadêmicos e dificuldade na compreensão, à primeira vista, sobre o objeto que queria compartilhar. Pádua (2013) entende que Tuan trabalha importantes conceitos de forma sutil e faz marcada diferenciação entre espaço e lugar.

Investigando o livro *Topofilia* (2012) e *Espaço e lugar* (1983) de Yi-Fu Tuan, podemos notar a descrição da prática do *fengshui* por várias vezes. Será feita uma extração de fragmentos textuais nas quais confirmam a prática ou o conhecimento do *fengshui.*

Tuan explica sobre os elementos essenciais no subtítulo **"**Substâncias e esquemas cosmológicos**"** do capítulo três *'Estruturas e respostas psicológicas comuns'* na página 37 **(**TUAN, 2012), ele o faz comparando com vários grupos culturais. As substâncias essenciais para a formação de todos os elementos, na cosmologia chinesa está assentado nos cinco elementos, madeira, fogo, terra, metal e água fazem parte da estrutura do conhecimento sobre o *fengshui* para compreender o fluxo de energia de um elemento para o outro, num ciclo criativo ou destrutivo.

> Entretanto, nas diferentes partes do mundo, as pessoas reconhecem poucas substâncias básicas ou elementos que se destacam da multiplicidade de fenômenos; por exemplo, terra, água, madeira, ar, metal e fogo. Cada substância ou elemento é identificado com uma qualidade característica. Fala-se da terrosidade da terra, da dureza e frieza do metal. Cada elemento também é um processo ou a corporização de um princípio para atuar (TUAN, 2012, p.37).

No subtítulo **"**O todo harmonioso, oposições binárias e esquemas cosmológicos" do capítulo três, na página 39 (TUAN, 2012) Tuan argumenta a influência dos esquemas cosmológicos sobre o pensamento para ordenar a natureza segmentada e dar uma lógica para a unidade primordial. Neste sentido ele comenta sobre o *ying* e o *yang* que são as duas forças primordiais que regem o universo (ROSSBACH, 1998), e provém do Taoísmo que é a base sagrada do *fengshui*.

> Na China, a ideia que yin e yang são princípios complementares de um todo essencial, parece ter procedido à ideia dos cinco elementos e o sistema de correspondência assinalado anteriormente (TUAN, 2012, p. 40).

Como o próprio subtítulo sugere, *ying e yang* são forças opostas, oposições binárias, porém complementares que juntas formam todos os aspectos da vida e da matéria (ROSSBACH, 1998). Tuan afirma que esta proposta dos pares opostos vem da mente humana em estruturar os aspectos da natureza e da tendência de se envolver em todos os níveis de experiência.

Segundo Tuan, o símbolo tem a força de explicar o todo e traz exemplos para clarificar a definição no subtítulo "Simbolismo e esquemas cosmológicos" do capítulo três na página 43 (TUAN, 2012). No *fengshui,* o simbólico tem grande conotação, o metafórico, os quais permeiam quase toda a prática.

> Um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz pela cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo (TUAN, 2012, p.43).

Uma colocação muito importante é de que nesse universo rico de simbolismo cada grupo particulariza o seu repertório de símbolos, compondo o conteúdo cultural. Este legado simbólico normalmente não faz sentido para o elemento fora do grupo, o estrangeiro ou para outro grupo diverso.

> Em um mundo tão ricamente simbólico, os objetos e eventos assumem significados que para um estrangeiro podem parecer arbitrários. Para o nativo, as associações e as analogias estão na natureza das coisas e não necessitam justificação racional; ... Os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura (TUAN, 2012, p.44).

O mesmo ocorre com o *fengshui,* que para os nativos são atos naturalizados e para os estrangeiros, causam estranhamento e questionamentos. O *fengshui* vai além da técnica de escolha de lugar, é também um modo de vida, uma crença que internalizou o comportamento dos grupos que sempre conviveram com esse conhecimento.

Discorrendo ainda sobre os símbolos, notamos o cuidado de Tuan em pontuar e explicar o simbólico, explorando a semiótica:

> Um símbolo é um repositório de significados. Estes emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. As experiências profundas têm, muitas vezes, um caráter sagrado, extraterreno, mesmo quando elas se originam na biologia humana. Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra (TUAN, 2012, p.203).

O caráter sagrado e metafísico do *fengshui* é descrito como “crenças taoístas mágicas” quando Tuan relata sobre um jardim paisagístico do parque imperial da dinastia Han:

> Na China, o parque imperial dos imperadores Han, construídos nos arredores de Ch’angan, em meados do século II antes de Cristo, é um dos primeiros jardins paisagísticos fechados de que temos notícia. Era muito grande. Havia montanhas, florestas e pântanos dentro da muralha circular, mas também havia paisagens artificiais e palácios construídos para refletir as crenças taoístas mágicas (TUAN, 2012, p. 203).

Sem mencionar o *fengshui,* Tuan apresenta a função do geomante, ‘uma pessoa semidivina’, um especialista em indicar e consagrar um lugar através de seu conhecimento técnico e sagrado.

> Não somente a construção de um santuário, como também a construção de uma casa e de uma cidade, tradicionalmente, pedem a transformação ritual do espaço profano. Em todos esses casos, o lugar foi santificado por um poder exterior, quer seja uma pessoa semidivina, uma deslumbrante hierofania, ou forças cósmicas que fundamentam a astrologia e a geomancia (TUAN, 2012, p. 205).

A boa energia ou o bom *qi* de um local é considerado um lugar especial e é justamente onde o *fengshui* indicaria para localizar uma tumba cujos espíritos dos ancestrais assegurariam um bom *qi* para a descendência. E quando o túmulo pertence a um líder carismático, o bom *qi* pode ser compartilhado entre os súditos.

> Os lugares onde nasceram ou morreram líderes carismáticos dotados de atributos divinos adquiriram algo de suas santidades. A santidade estava centralizada no santuário ou na tumba, porém a aura sagrada se difundia sobre todo o espaço circundante e tudo nele contido – árvores e animais – eram enaltecidos por esta associação. Na China, era um velho costume considerar como parques naturais o terreno ao redor dos túmulos dos imperadores sagrados, nos quais todos os seres vivos partilhavam do caráter sagrado do espírito do falecido. Tais lugares respondem à necessidade humana por religião e recreação (TUAN, 2012, p. 205).

Na antiguidade, no planejamento das cidades, observamos a aplicação do *fengshui* nas cidades chinesas, Tuan faz a descrição do especialista em *fengshui* e sua consulta do *I Ching* ou Livro das Mutações que é um ‘oráculo’ elaborado, segundo a lenda, pela leitura de um mestre no casco de tartaruga (ROSSBACH, 1998). Nesta tradição, planejavam as cidades seguindo o desenho do padrão cosmológico, reforçando a crença por um mundo ordenado e consagrado.

> A forma tradicional e o traçado da cidade chinesa é uma imagem do cosmo chinês, um mundo ordenado e consagrado, guardado por um sólido cinturão terreno do mundo contingente do além.... No começo do período Chou (cerca de 1000-500 a. C.) o fundador de uma cidade, usando mantos especiais e jóias, estudava as propriedades geomânticas do terreno e consultava cascos de tartarugas (TUAN, 2012, p. 227).

Tuan afirma que a China construiu suas cidades respeitando a simbolização cosmológica mais que qualquer outra civilização e traz exemplos.

> ...Pequim ainda é um exemplo impressionante do planejamento tradicional de uma cidade chinesa.
> A simbolização cósmica no desenho das cidades encontrou na China sua expressão mais categórica, talvez mais do que em qualquer outra civilização. A capital imperial chinesa era um diagrama do universo (TUAN, 2012, p. 230).

Com o passar do tempo, o crescimento populacional e a expansão econômica, fez a China adotar novos padrões de comportamento, entretanto ainda preserva o padrão cosmológico nos desenhos das cidades, ou seja, apesar do tempo e das mudanças, a prática do *fengshui* ainda persiste.

> Reiteradamente, a estrutura da cidade ideal cedeu à pressão da expansão econômica e populacional: adotou novas formas que refletiam mais as leis do mercado do que as leis celestiais. Na China, no passado, o modelo ideal foi repetidamente abalado. No entanto, um fato característico do urbanismo chinês foi a persistência da cidade 'cosmolizada' como um paradigma de desenho (TUAN, 2012, p. 231).

No livro '*Espaço e lugar'* Tuan descreve um texto coeso e fundamentado sobre a percepção cinestésica humana com o espaço físico, evoluindo desde a infância até a fase adulta, na qual a consciência é plena e complexa no sentido singular, coletivo e cultural. Faz um paralelo entre o espaço e lugar revelando as diferenças conceituais e subjetivas e para isso, compara diversos grupos humanos e quando se refere à China, as diretrizes do *fengshui* ficam muito evidentes. No capítulo 4, '*Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais*' Tuan relata sobre a posição do governante no espaço e sua simbologia:

> Na China tradicional, o governante fica de frente para o sul e recebe de cheio os raios do sol do meio-dia; desse modo assimila o másculo e luminoso princípio do *yang.* Disto se depreende que a frente do corpo também é *yang*. Ao contrário, as costas do governante e a área atrás dele são *ying*, feminino, escuro e profano (TUAN, 1983, p. 46).

A descrição das características do *yin* e *yang* no posicionamento do governante e o significado de sua orientação cardeal, revelam o aspecto do *fengshui*. Outra passagem que evidencia o *fengshui,* está no capítulo 7, *'Espaço Mítico e Lugar"* na descrição do espaço mítico-conceitual:

> …Os símbolos animais ficam nos quatro lados. Perto da borda leste está o Dragão Azul, que representa a cor da vegetação e o elemento madeira. Como ocupa a direção do sol nascente, também é o símbolo da primavera. Para o sul fica a Fênix Vermelha do verão e do fogo com o sol no zênite. Para o oeste está "o Tigre Branco do outono metálico, simbolizando as armas, a guerra, as execuções e a colheita; a conclusão frutífera e a calma da penumbra, a lembrança, o remorso e os erros inalteráveis do passado." No norte está a escuridão do inverno, de onde devem surgir todos os novos começos. O norte está associado a répteis, cor preta e água. No centro do cosmos está o homem na terra amarela. O homem não está representado na telha Han, mas seus desejos mais humanos são dados a conhecer e caracteres escritos sobre "longa vida" e "felicidade" (TUAN, 1983, p. 104, 106).

Na cosmologia tradicional chinesa o espaço mítico-conceitual segue os preceitos do *fenghui,* na qual em cada ponto cardeal representa um animal, um

elemento e uma cor, essa simbologia determina os padrões ideais de construção de uma edificação com a finalidade de obter as melhores influências do lugar.

A religiosidade em relação ao lugar é retratada como um vínculo importante dos grupos e quando se dirige à China, descreve a magnitude desta relação:

> …Na China, a idéia de *t'ien* (céu) evoluiu e atingiu a pré-consciência durante a dinastia Chou (cerca de 1027-256 a.C.). *Ti* (terra) era a sua contraparte, embora com um status um pouco inferior. *T'u*, ou os deuses do solo, ocupam posições mais baixas, porém eram primordiais. *T'ien* e *ti* eram conceitos sofisticados; mas os deuses do solo e os muitos espíritos da natureza tinham uma realidade muito maior para as pessoas (TUAN, 1983, p. 168).

A partir deste fragmento depreende-se que a relação com a natureza transcende o físico, o visível. Tuan é um autor metódico e fiel às suas proposições, sendo assim, apresenta um novo olhar da ocupação e formação dos espaços com componente simbólico das civilizações, dos rituais ancestrais, das experiências humanas, das percepções, dos legados culturais e quando faz referência à China expõe o *fengshui.*

Importantes autores da Geografia, em algum momento quando estudaram a China, citaram o *fengshui*. Em um estudo sobre paisagem religiosa e região cultural, Zeny Rosendahl[13] (2003) menciona o *fengshui* ao exemplificar um antigo palácio chinês no verão de Chengde como modo de reconhecer crenças e identidades culturais de seus habitantes.

> O local exato de Chengde é ao norte da área central de *Hing* e ao norte de Beijing, refletindo a nova base de poder do império *Quing,* centralizado na Manchúria e no *Jehal,* e a expansão desse império nos dois lados da Grande Muralha. A própria paisagem foi modelada por crenças explícitas na geomancia nos poderes mágicos da terra e no *fengshui.* (ROSENDAHL, 2003, p 217).

Estudando o sagrado para compreender o povoamento de várias civilizações, Pierre Deffontaines[14] descreve sucintamente o *fengshui* quando menciona a comunidade chinesa. Ele declara que os chineses possuem um senso agudo de direção e destaca a importância do papel do geomante que domina toda a geografia do povoamento da China (DEFFONTAINES, 1948).

---

[13] Zeny Rosendahl (1945) é coordenadora do Programa de Estudos Avançados em Geografia, Religião e Cultura (PEAGERC) que inclui o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) e a publicação do Periódico Espaço e Cultura, fundado em 1995 na UERJ.

[14] Pierre Deffontaines (1894~1978) foi um geógrafo francês. Começou seu contato com o Brasil na década de 1930, quando fundou a cadeira de Geografia da Universidade de São Paulo em 1935.

> O chinês tem um senso de direção agudo, ele afirma que tem uma dor no lado oriental do estômago, mas seu corpo deve respeitar toda uma série de correntes aéreas ou subterrâneas, *fengshui* (literalmente água e vento), que é uma fonte de felicidade ou infortúnio É o geomante que domina toda a geografia do assentamento da China (DEFFONTAINES, 1948, p106).

O *fengshui,* além de arte e técnica, é uma forma de conhecimento do mundo, uma concepção sobre a relação cultura-natureza, tendo como contexto a formação histórica e social de países asiáticos, em especial, a China.

4.4 Observando a paisagem: uma pesquisa exploratória sobre o *fengshui*

Com o objetivo de ilustrar a aplicação do *fengshui,* foi escolhido o cinerário Kinkaku-ji (templo dourado) localizado na cidade de Itapecerica da Serra em São Paulo. Em respeito às medidas preventivas da pandemia da Covid-19, foi realizada uma visita ao local com reprodução fotográfica e sem entrevistas. No período (27/12/2021), houve um recrudescimento da transmissão e da infecção geradas pelas variantes Delta e Ômicron, o que não permitiu o aprofundamento da pesquisa de campo.

4.4.1 Kinkaku-ji

Localizada sob as coordenadas geográficas: 23º44’37.0’’S / 46º51’46.4’’W, em 1976 o Kinkaku-ji do Brasil foi concluído e inaugurado em 1986. A região abriga também o Templo Enkoji (Templo do Círculo Luminoso) e ficou conhecida como o Vale dos Templos, foi convertida em Parque Turístico Nacional pela Embratur.

A cidade de Itapecerica da Serra foi uma aldeia indígena catequizada pelos jesuítas em torno de 1562. Possui 177.662 (2020) habitantes em seus 151.458 km² de área total. Erguido em uma área de 190.000 m² em meio à Mata Atlântica preservada neste município, o templo é uma réplica do original que se encontra na

cidade de Kiyoto no Japão. O nome Kinkaku-ji refere-se ao Templo Dourado, daí ser revestido em ouro, mas no Brasil, foi construído em concreto armado e revestido com cedro que recebeu uma pintura dourada especial, reproduzindo o modelo original. É circundado por lago, assim como no Japão, entretanto a função do templo difere no Brasil, que funciona como Templo Ecumênico e Cinerário, ao passo que no Japão, é um Templo de orientação Zen Budista (GUEDES, 2013).

O Kinkaku-ji do Brasil foi idealizado por Alonzo Bain Shattuck, americano que morou no Japão do pós-guerra durante 15 anos. O arquiteto que acompanhou a obra foi Takeshi Suzuki, que se formou no Brasil e foi auxiliado por dois escultores japoneses: Noburo Norisada e Kanto Matsumoto. Possui um belo cenário, com árvores, jardins estilo japonês, lago com carpas e cerejeiras ornamentais que afloram no inverno nos meses de julho e agosto (GUEDES, 2013).

O templo Enkoji, de orientação Zen Budista, apesar da proximidade geográfica e possuir a mesma orientação religiosa, é autônomo na administração e funcionamento. O Templo Kinkaku-ji é administrado pelo Grupo Memorial desde 2013 (GUEDES, 2013).

4.4.2 Resultados da pesquisa exploratória

Os elementos do *fengshui* identificado no entorno do Templo são:

- À esquerda (leste), haja um riacho ou uma montanha de média elevação simbolizado por dragão verde-azulado (qîng lóng 青龍);

- À direita, um caminho de cerejeira ou uma montanha de pequena elevação que é chamado de tigre branco (bái hû 白虎);

- Em frente, uma lagoa estagnada ou um pequeno monte que representa a fênix vermelha (zhû qué 朱雀);

- Atrás, uma colina ou uma montanha elevada que é chamada de guerreiro das trevas ou tartaruga negra (xuán wû 玄武).

Encontramos os elementos (sublinhados) ao redor do Templo Dourado (ver fig.11)

Figura 13 Desenho da paisagem do Templo Dourado (Kinkaku-ji) com os elementos do *fengshui*: riacho à esquerda, caminho à direita, lago em frente e colina atrás.

Autora: Simone Belotti (20/02/22)

A localização do Templo segue todos os requisitos exigidos pelo *fengshui* e a entrada está direcionada para o Sul, conforme orientação entendida como auspiciosa. Podemos concluir que o local possui uma boa circulação de *qi* 気, comprovando ser um lugar ideal para preservar as cinzas dos falecidos.

4.4.3 Fotos do local

Figura 14 Foto do Templo Dourado - Kinkaku-ji

Fonte: Alice Taira, em 27/12/2021

Figura 15 Foto: caminho das cerejeiras - Kinkaku-ji

Fonte: Alice Taira, em 27/12/2021

Figura 16 Foto: Altar para reverência e queima de incensos. Nichos para armazenar as cinzas.

Fonte: Alice Taira, em 27/12/2021

Figura 17 Foto: Deidade Budista - Kinkaku-ji

Fonte: Alice Taira em 27/12/2021

Figura 18 Foto: Portal de Entrada do Kinkaku-ji

Autora: Alice Taira em 27/12/2021.

Figura 19 Foto: Templo Dourado Kinkaku-ji

Autora: Alice Taira em 27/12/2021

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mestre disse: “A pessoa sábia não se confunde. A pessoa Humana não desanima. A pessoa corajosa não tem medo”.
(Confúcio - Analectos 9.29)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta dissertação foi uma experiência que desvendou um universo vivenciado por mim, mas que eu desconhecia. Fiquei muito fascinada com cada descoberta, pois desvendava a minha própria ancestralidade. Cada capítulo planejado foi realizado de forma apaixonada, pois eu percebia a sincronicidade (as coincidências que trazem resultados, segundo Jung) dos eventos para obter as informações necessárias para a construção do texto.

A grande dificuldade foi obter as fontes nas quais pudesse estruturar a pesquisa, no início não fazia nem ideia por onde começar, nem a categoria ideal a ser utilizada, tinha somente a convicção de que o *fengshui* possuía uma essência geográfica. Com a realização das disciplinas e especificamente da disciplina ministrada pela professora Luciene Risso, conheci o geógrafo orientalista Augustin Berque. A partir daí meu universo se ampliou e pude construir, sob orientação, os capítulos desta dissertação.

No primeiro capítulo, nos filósofos, foi reunido os principais nomes que foram referência para esta pesquisa, destaque importante foi para o filósofo japonês Watsuji Tetsurô, seus pensamentos baseados na doutrina budista influenciaram o geógrafo Augustin Berque que é referência desta dissertação. Watsuji introduziu noção do holismo, da relacionalidade e da inter-relação do ser humano com outros seres, com o ambiente e com o universo, trouxe uma ontologia a ser explorada pela ciência.

Na antropologia, Ole Bruun fez uma importante pesquisa sobre *fengshui* com trabalhos de campo que enriqueceram o conteúdo de sua tese. A mitologia tinha sido desprezada pela ciência racionalista e nesta pesquisa a mitologia ganha posição de destaque. Esta pesquisa possui profundo caráter antropológico, devido ao que foi exposto e também no esforço de compreender a moral, a ética que levam aos fundamentos confucianos e taoístas que são as bases da formação do ethos do *fengshui*.

Na seção da arquitetura, o reconhecimento pelo segmento foi por terem realizado pesquisas sobre *fengshui* de maneira formal, servindo de referência para este trabalho. Importantes artigos foram elaborados revelando a profundidade cultural e a aplicação prática voltadas ao interesse deste segmento.

No segundo capítulo, há uma descrição sobre o *fengshui,* sua essência, sua origem, o histórico, o taoísmo, o *qi* e a abordagem ocidental que desperta muitas discussões. Berque acredita que no ocidente, o sistema econômico capitalista tende a mercantilizar o *fengshui*, simplificando a sua aplicação a tal ponto, de ser considerado charlatanismo. Com certeza, a tradição cultural é impossível de ser

importada, entretanto, a busca pela fortuna e felicidade sejam objetivos da maioria das pessoas, independente da etnia, as concepções sobre o *fengshui* estão contidas na tradição cultural da China, nos permitindo arriscar dizer, que do ponto de vista geopolítico, pode contribuir ao '*cultural soft power'* chinês.

A adivinhação faz parte do *fengshui* no sentido de auxiliar nas tomadas das decisões mais favoráveis ao governante ou proprietário. A astrologia é um importante instrumento utilizado para esse fim e o *I-Ching* como oráculo de consulta. Porém, esse trabalho é revestido de superstição, dificultando o desenvolvimento da pesquisa, e trazendo um questionamento sobre a perpetuação do *fengshui* entre os próprios asiáticos.

Entrei em contato com os autores via email. Esta questão foi dirigida ao antropólogo Ole Bruun e ao geógrafo Augustin Berque, que responderam prontamente.

Ole Bruun respondeu em outubro de 2021 com todo cuidado que não poderia resolver a questão pois há muito tempo que não realiza trabalho de campo na China, mas sugeriu o artigo de Geng Li sobre a legitimação das pessoas que trabalham com adivinhação. Nesta pesquisa, Geng Li descreve o cotidiano desses trabalhadores e procura esclarecer este ofício buscando fundamentos na antropologia e sociologia. Os adivinhos agem sob a ética e moral a partir da fonte das tradições milenares e também atuam como orientadores psicológicos. Li contextualiza econômica e politicamente, descrevendo a clandestinidade no período da Revolução Cultural Maoísta e do atual panorama de certa liberdade de ação permitida pelo Estado e do aumento da procura desses adivinhos devido às incertezas políticas e à insegurança econômica. Este artigo confirma a persistência do *fengshui* mesmo diante de um mundo racionalista, na qual as pessoas ainda alimentam a crença. (BRUUN, 2021)

Seguindo a mesma linha de Ole Bruun, Augustin Berque respondeu em outubro de 2021 que não realizou nenhuma pesquisa no sentido de investigar a opinião dos jovens asiáticos, dessa forma, não poderia responder à minha questão, porém enviou um texto contendo três artigos sobre *fengshui* realizados na atualidade por acadêmicos asiáticos. Esses artigos foram esclarecedores na resistência dos jovens em admitir a prática que está arraigada em sua cultura. Vivem o dilema entre o racionalismo ocidental, com o qual tiveram contato nas escolas e com as 'superstições' tradicionais, trazidas pela cultura do ambiente familiar. Apesar da resistência em

aceitar a crença, praticamente todo asiático conhece o *fengshui,* comprovando assim, em certo sentido, a sua perpetuidade. (BERQUE, 2021)

Ainda neste segundo capítulo, foi trabalhado o tema da paisagem, categoria essencial para esta pesquisa. A paisagem foi adotada para estudar o *fengshui* e por isso foi dedicada uma análise especial explicando seu percurso na Geografia.

No último capítulo, foi descrita a proposição de Augustin Berque sobre a paisagem e seu ponto de vista a partir de uma comparação entre as culturas ocidental e oriental. Seguindo a sua definição de paisagem, foram elaborados os estudos sobre o *fengshui*, considerando o modelo da geografia sagrada abordada pelo Taoísmo.

Yi-Fu Tuan também traz importantes contribuições quando descreve a China e expõe muito do conhecimento sobre o *fengshui,* corroborando as informações desta pesquisa.

Tomei a decisão de perguntar ao professor Yi-Fu Tuan, escrevendo-lhe um email, dos motivos por não mencionar o termo *fengshui* no seu livro *Topofilia,* Tuan me respondeu: “Em fidelidade ao título, Topofilia é uma relação de afeição com o lugar, não caberia utilizar o termo *fengshui*, pois a técnica também identifica lugares anecúmenos, contrapondo-se ao sentido do título do livro” [15] (TUAN, 2021).

Em agosto de 2022 senti muito o falecimento de Tuan, que foi uma grande perda para a Geografia, constatei a relevante oportunidade que tive de ter minha dúvida esclarecida.

Os autores Berque e Tuan foram colocados em tópicos separados pois a abordagem sobre o *fengshui* ocorreu de modo distinto: Enquanto Berque explica o *fengshui,* Tuan o descreve em várias situações sem mencionar o termo, porém deixando evidente para ser identificado aos que conhecem a técnica.

A pesquisa exploratória permitiu concluir que a construção do templo Kinkaku-ji seguiu os preceitos do *fengshui* constatando-se a presença dos elementos em torno do mesmo, ou seja, um riacho do lado esquerdo do templo, representando o dragão verde, um caminho de cerejeiras do lado direito, representando o tigre branco, um lago com águas estagnadas em frente, representando a fênix vermelha e uma colina atrás, representando o guerreiro das trevas ou a tartaruga negra. Sendo destinado para depósito de restos mortais (cinzas) em urnas funerárias armazenadas em nichos

[15] Yi-Fu Tuan enviou a resposta em 04 de junho de 2021 e permitiu incluir sua opinião nesta dissertação.

identificados, acata os princípios de repousar os restos mortais em local auspicioso para assegurar a prosperidade e felicidade dos descendentes e das gerações futuras.

Com os resultados da pesquisa exploratória, é possível confirmar a utilização do *fengshui* e seu vínculo com a Geografia por respeitar os elementos da natureza de acordo com os pontos cardeais, reproduzir paisagem com simbologia e seguir os princípios da cultura milenar chinesa.

Durante a pesquisa, outras questões surgiram como: ‘qual a diferença da abordagem das velhas e novas gerações de asiáticos sobre o *fengshui* considerando a adoção ou o contato com o pensamento racionalista ocidental?’ ou se ‘há a reconsideração do governo central chinês sobre o *fengshui* na condução da política social?’ ou se ‘simplesmente permitiram o retorno das antigas crenças para evitar conflito com a população?’ ou se ‘as construtoras estatais chinesas consultam ou utilizam a técnica para traçar a nova rota da seda?’ ou se ‘a aplicação do *fengshui* possui o mesmo valor se utilizado por ocidentais?’

São indagações que podem permitir a continuidade das pesquisas neste segmento, explorando outras facetas desta cultura na compreensão da ocupação dos espaços que compõem as paisagens conhecidas no oriente.

Enfim, o *fengshui* é uma arte e forma de conhecimento que revela a cultura chinesa, e é intrínseco à conceituação geográfica. Para avançar nesta linha, devemos transgredir os dogmatismos do pensamento moderno ocidental e assimilar outras matrizes de pensamento. Observando o destino da relação entre o ser humano e o meio ambiente, encontramos um prognóstico condenável, estimulando muitos pensadores a encontrar saídas para a inexorável catástrofe. Buscando soluções, antigas crenças foram resgatadas e revalorizadas por observarem atividades que respeitem o convívio com a natureza, retomando a consciência da vinculação da vida com o meio ambiente e que o ser humano deve se reconhecer como parte ou como extensão deste meio. Neste sentido o *fengshui* torna-se um valioso colaborador.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **La Naturaleza con Derechos:** Una propuesta para un cambio civilizatorio. Este texto reúne grande parte da conferência apoiada pelo autor no Instituto de Estudos Avançados de Sustentabilidade (IASS) em 10 de out. de 2011.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos.** Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, G. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. Seleção de textos de José Américo M. Pessanha. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOSA, T. A influência da geografia teorética-quantitativa na transformação teórica do conceito de natureza em recursos naturais nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental. **Geografia em Atos (Online)**, [S. l.], v.1, n. 6, p.76-89, 2006. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/220. Acesso em 22 de nov. 2021.

BERQUE, Augustin. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade,** v.7, Número 2, 2017, p.4-16.

BERQUE, Augustin. **Cinq propositions pour une theórie du paysage.** Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BERQUE, Augustin. **Recouvrance. Retour à la terre et cosmicité en Asie orientale.** Bastia, éditions Éoliennes, sous presse. Nôsangyoson Bunka Kyôkai, 1999, p. 249-277.

BERQUE, Augustin. **Thinking through landscape;** translated by Anne-Marie Feenerg Dibon; by Routledge, 2013.

BERQUE, Augustin. Master's student from Braszil. [Question about *fengshui*]. Mensagem recebida em: 29 de out, 2021.

BRUNN, Ole – **Fengshui in China:** geomantic divination between state orthodoxy and popular religion – NIAS (Nordic Institute of Asian Studies) Press, 2011.

BRUUN, Ole. Master's student from Brazil. [Question about *fengshui*]. Mensagem recebida por: alice.taira@unesp.br em 27 de out. 2021.

CAMPADELLO, P. **Feng Shui para harmonizar seu lar e sua vida**. São Paulo: Editora Madras, 1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Paul Claval: tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta-Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In BARTHE-DELOIZY,F., and SERPA, A., orgs. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, pp. 11-25, 2012.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.20, n 39, 1990, p.22-31.

COSGROVE, D. **A Geografia Está em Toda Parte:** Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 92-122.

DAL GALLO, P. M. A influência do pensamento oriental na geografia de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurô. **Geograficidade,** Niterói, RJ, v.4, p.32-47, 2014.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução: Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE BRITO NUNES, H. K.; AMORIM, W. V. Sobrevoo teórico-conceitual e metodológico em torno da(s) geografia(s) humana(s) francesa(s): notas provocativas. **Terra livre** [S.I.], v.2, n.55, p. 10-38, 2020. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2095 . Acesso em 05 de nov. 2021.

DEFFONTAINES, Pierre-**Géographie et religions**. Paris, Gallimard. 4º Ed. 1948.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André; **Dicionário de Filosofia.** Tradução Marina Appenzeller.-Campinas, SP: Papirus, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLORENZANO, Teresa Galloti. Introdução à Geomorfologia. In:FLORENZANO, Teresa Galloti (org.). **Geomorfologia:** conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficinas de Textos, 2008.

GONÇALVES, Rafael R.; GARCIA, Fernanda A. Fróes; DANTAS, Jurema de Barros; EWALD, Ariane P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA**, UERJ, RJ, ano 8, n. 2, p. 402-435, 2008.

GUEDES, Antonio Marques. **Kinkaku-ji Templo Dourado**. Áreas Verdes das Cidades, 2013. Disponível em: <https://www.areasverdesdascidades.com.br/2013/08/templo-kinkaku-ji-em-itapecerica-da.html> Acesso em 14 de fev. de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2020.

HAN, Ke-Tsung. Seleção de Sites em Chinês Tradicional-Feng Shui: Uma Perspectiva Evolucionária/Ecológica, **Journal of Cultural Geography,** 19:1, 75-96, 2009.

HARWOOD, Jeremy. **Filosofia:** um guia com as ideias de 100 grandes pensadores, tradução Henrique Monteiro. - São Paulo: Planeta, 2013.

HOBSBAWUM, Eric J. **A era do capital.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

HOLZER, Werther. AUGUSTIN BERQUE: UM TRAJETO PELA PAISAGEM. **ESPAÇO E CULTURA,** UERJ, RJ, N. 17-18, P. 55-63, JAN/DEZ de 2004.

HWANGBO, A. B. A new millennium and feng shui, **The journal of Architecture,** 4:2, p. 191-198, 2010.

JORNADA do patrimônio cultural imaterial, Wudang da filosofia tradicional chinesa. **UNIVERSIDADE DE HUBEI.** Evento on-line – China, Hubei. 3 a 19 de jan. 2022.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana.** 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

LÉVI-STARUSS, C. – **A noção de estrutura em etnologia in Antropologia Estrutural** – tradução Beatriz Perrone-Moisés – COSAC NAIFY, São Paulo. 2008

LI, Geng. Fate Calculation Experts: Diviners Seeking Legitimation in Contemporary China. **Thesis** for the Doctor of Philosophy at The Australian National University. 2014.

MADEDDU, M.; ZHANG, X. The harmonious spaces: the influence of Feng Shui on urban form and design, **Journal of Urban Design,** 22:6, 709-725, 2017.

MARANDOLA, Eduardo Jr., **Um sentido fenomenológico de paisagem:** o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto base da Conferência proferida no "Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem", realizado nos dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. TOPOFILIA: UM CLÁSSICO GEOGRÁFICO. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v.38, n.2, p.423-428, maio/ago. 2013.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; OLIVEIRA, Lívia. Origens da Paisagem em Augustin Berque: Pensamento Paisageiro e Pensamento da Paisagem. **Geograficidade.** V.8, n.2, 2018, p.139-148.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **AUGUSTIN BERQUE E A GEOGRAFIA HUMANISTA BRASILEIRA:** APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS. XIII ENANPEGE realizado nos dias 2 a 7 de setembro de 2019 em São Paulo.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem:** entre o sensível e o factual: uma abordagem a partir da geografia cultural. 2010. Dissertação de mestrado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP.

MARQUES, A. I. F. **A arquitetura no ocidente versus a geomancia oriental:** A verificação do feng-shui em alguns templos cristãos. Tese de doutorado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. RA'E GA. N.8, Curitiba: UFPR, 2004, p.83-91.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos,** v.6, n.2, 2010, p.163-186.

NYE JR., J. S. **Softpower:** the means to success in world politics. Public AffairsBooks, New York, 2005.

NOVE comentários sobre o partido comunista chinês. **Epoch Times,** 2014. Disponível em: < https://www.epochtimes.com.br/nove-comentarios-partido-comunista-chines-introducao/> Acesso em : 07/05/2014.

OLIVEIRA, Lívia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Ed. Da UFPR, 2002.

_____.**Percepção do meio ambiente e geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar/Lívia de Oliveira; organizado por Eduardo Marandola Jr.; Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PÁDUA, Letícia Cristina Teixeira. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. **Tese** (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

REIS, Elisabete Rodrigues dos. Lugar do sentido. **Revista NUFEN**. 2017, v.9. n.2, p.109-123. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008&lng=pt&nrm=iso>, acesso em 11 de ago. de 2021.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 7, p. 1-26, 1979.

RISSO, Luciene C. "**PAISAGENS E CULTURA:** uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica". ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ n.23, p.67-76, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ/ NEPEC-UERJ, 1996.

_____. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 2003.

ROSKER, Jana S. Filosofia chinesa contemporânea e a importância das relações de parentesco confucionistas: Li Zehou, tradição xamanista e Relacionalismo. **Locus:** Revista de História, Juiz de Fora, v.27, n. 1, (2021): 106-121.

ROSSBACH, Sarah. Feng Shui: decoração de interiores / Sarah Rossbach; tradução Edson Vaz e Ricardo Aníbal Rosenbusch, Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

ROSSBACH, Sarah. **Feng Shui:** como viver melhor em sua casa / Sarah Rossbach; tradução Ricardo Aníbal Rosenbusch – Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SAMPAIO, Jáder dos Reis. A pesquisa qualitativa entre a fenomenologia e o empirismo formal. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 16-24, 2001.

SANTOS, Athos Ribeiro dos. A Tectônica e as Formas de Relevo. In: FLORENZANO, Teresa Galloti. **Geomorfologia:** conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficinas de Textos, 2008.
SAUER C.O. **A morfologia da paisagem**. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SIGOLO, Renata Palandri; JUNQUEIRA, Luís Fernando Bernardi. Entre agulhas e mãos: a "medicina chinesa" no Brasil na década de 1970. **Locus:** Revista de História, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, (2021): 122-151.

SILVA, Rodrigo L. M. da. Capitalismo, confucionismo e teoria weberiana. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.28, n. 1, p. 179-202, abril 2016.

SINEDINO, Giorgio. **Os Analectos.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

THOMAS, K. **O Homem e o Mundo Natural.** Tradução João Roberto M. Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente/Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira – Eduel, Londrina, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Master's student from Brazil. [Question about fengshui]. Mensagem recebida por: alice.taira@unesp.br em 04 de jun. 2021.

WILHELM, Richard. **I Ching:** o livro das mutações/tradução do chinês para o alemão. Tradução para o português MUTZENBECHER, Alayde; PINTO, Gustavo A. C. - São Paulo: Pensamento, 2006.

WONG, Eva. **Feng-Shui.** The Ancient Wisdom of Harmonious Living for Modern Times. Gaia Ediciones, Móstoles (Madrid), 1998.

Watsuji Tetsuro. (2016, 19 de outubro). ***Enciclopédia do Novo Mundo*** . Disponível em:< https://www.newworldencyclopedia.org/p/index.php?title=Watsuji_Tetsuro&oldid=1000764> Acesso em 01 de set.de 2021.

YOU, Wo. The rise of China with Cultural Soft Power in the Age of Globalization. **Journal of Literature and Art Studies**, vol.8, nº 5, 763-778. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325021118_The_Rise_of_China_with_Cultural_Soft_Power_in_the_Age_of_Globalization > Acesso em 15 de out. 2021.